ILUSTRAÇÃO

16-MAIO-1939 N.º 322—14.º ano PREÇO-5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

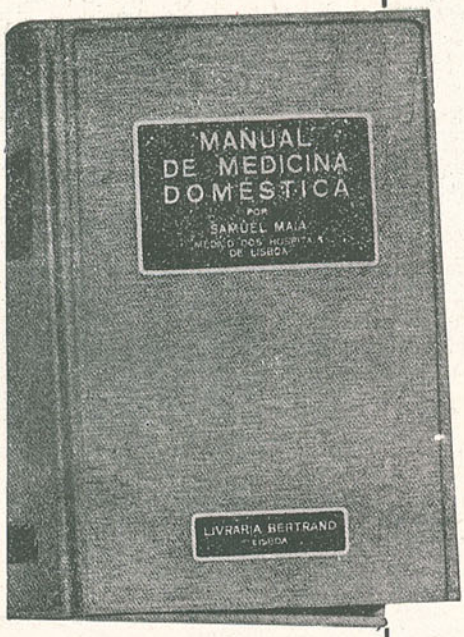
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente.** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**

Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**

Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor **ROBERTO SANTOS**, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27

LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**; *enc.,* **Esc. 20$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Acaba de ser posta à venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saúde a trôco de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15×23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8$00**; *Encadernado* **13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELLICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc..... **6$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5×26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

16-MAIO-1939
N.º 322 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

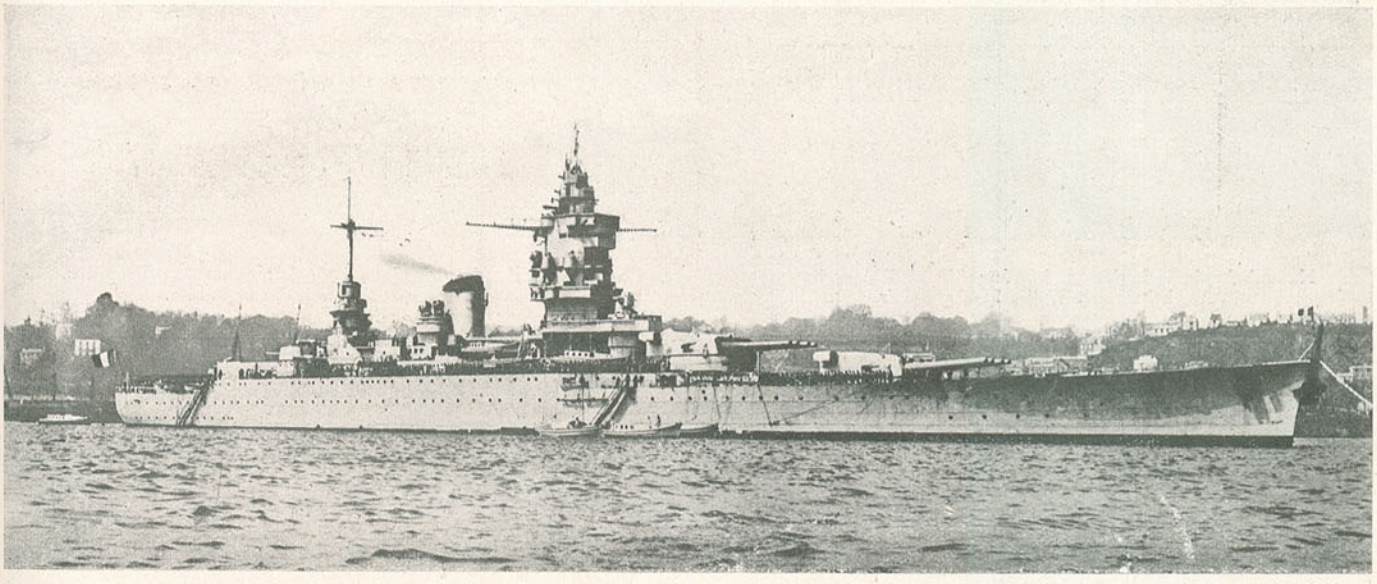
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30—LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

AS ESQUADRAS FRANCESA E ALEMÃ QUE VISITARAM O TEJO



O "Dunkerque" que com o "Strasbourg" — os dois maiores navios da Armada francesa — visitaram há dias Lisboa. Para se fazer uma ideia do potencial dêstes barcos, de 26.000 toneladas, basta dizer que uma das suas maiores granadas pesa 530 quilos e pode ser lançada por um dos oito canhões de 330 mm a mais de 40 quilómetros de distância. O "Dunkerque" entrou em serviço em 1937, e o "Strasbourg" em fins do ano passado. Cada um dêstes dois couraçados leva a bordo 50 oficiais e 1.200 sargentos e praças

O "Admiral Graf Spee" couraçado de 10.000 toneladas que com o cruzador de 6.000 toneladas "Koln" visitaram Lisboa. Afim de obedecer ao acôrdo anglo-alemão, o "Graf Spee" tem tôdas as suas soldaduras feitas a autogénio, conseguindo desta maneira poupar-se mais de quinhentas toneladas de ferro. Vem a propósito dizer que possue aperfeiçoamentos que os barcos similares ainda não possuem. Com êstes barcos veio uma esquadrilha de submarinos formada pelas unidades "U-43", "U-46", "U-47" e "U-51", por um navio-mãe de submarinos e por alguns transportes de reabastecimento da esquadra. O efectivo total das equipagens é de 2.500 homens

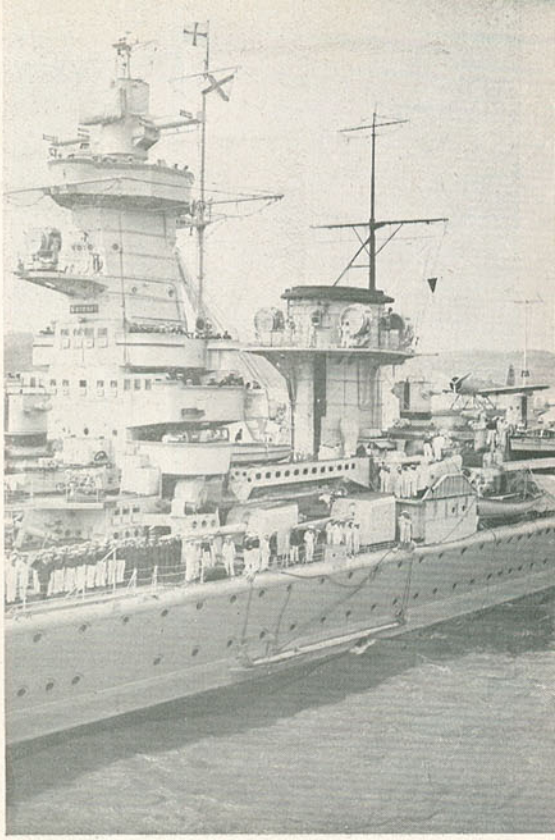
NOTAS DA QUINZENA

Na embaixada da Inglaterra foi oferecido há dias um banquete em honra do Chefe do Estado, de cuja assistência mostramos um aspecto. Aos brindes sir Walford Selby e o sr. general Carmona produziram interessantes afirmações de amizade anglo-lusa.

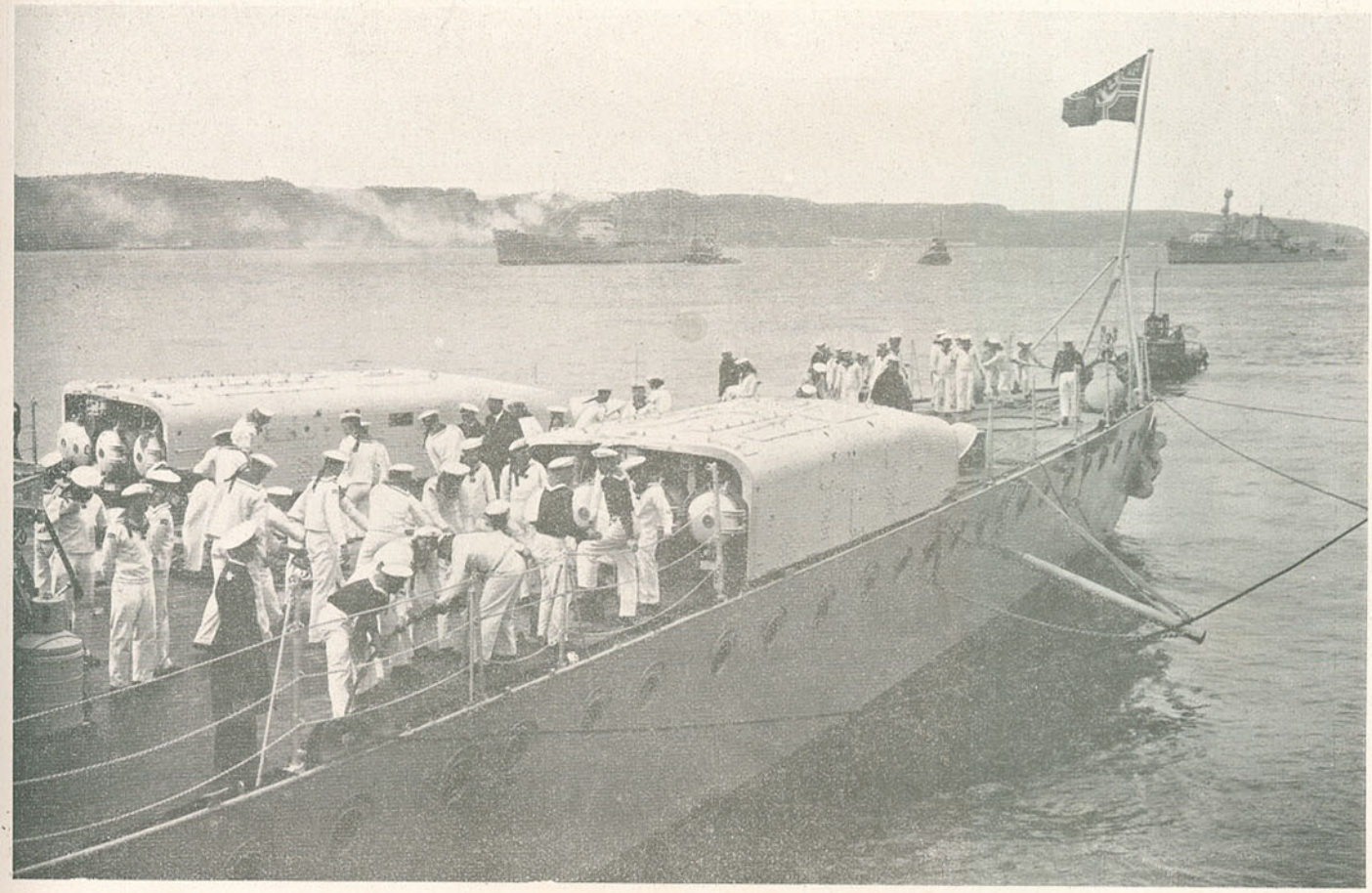
Foi publicado o programa das Festas do Duplo Centenário, que devem ter início em 5 de Maio de 1940 e abrangerão todo o Portugal. Na gravura acima vêm-se os srs. dr. Júlio Dantas e dr. Alberto de Oliveira com alguns membros da Comissão.

Um aspecto da recepção feita ao deputado inglês sir Cuthbert Headlam, tenente coronel do exército britânico e antigo sub secretário do Almirantado na visita que fez à Liga dos Combatentes da Grande Guerra, em Lisboa.

A VISITA DA ESQUADRA ALEMÃ



O «Admiral Graf Spee» passando em frente da Tôrre de Belem. — Um curioso pormenor da tôrre e da parte da meia nau do couraçado no momento em que êste manobrava para atracar ao cais da Rocha do Conde de Óbidos. *A' direita*, vê-se o hidroavião do navio sôbre a catapulta. — *Em baixo:* A pôpa do «Admiral Graf Spee» os marinheiros amarram os cabos que ligam o navio à terra. — A meio do rio vêem-se o navio-mãe de submarinos «Ervin Uassener», e à direita o cruzador «Koln» preparando-se para atracar

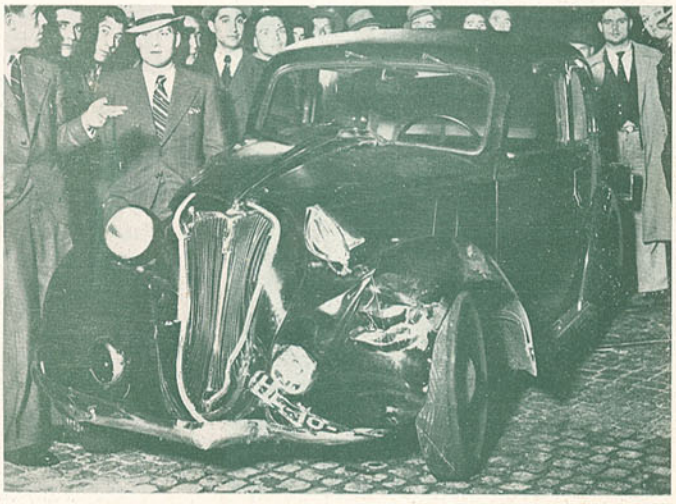


A VISITA DA ESQUADRA FRANCESA

O almirante Gensoul, comandante em chefe da esquadra francesa do Atlântico. — A' direita: O sr. ministro da Marinha e outras personalidades nos salões da Legação da França, onde o sr. Amé Leroy, ministro da França e sua esposa ofereceram um almôço em honra das armadas portuguesa e francesa.

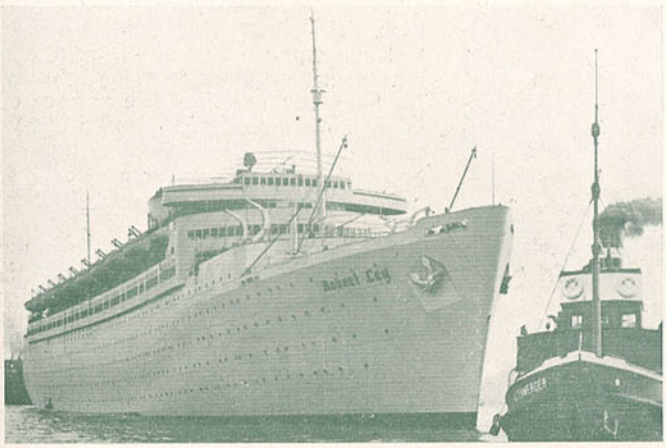
O almirante Gensoul em continência ante o monumento aos portugueses mortos na Grande Guerra. A cerimónia foi presenciada por muitos populares entre os quais se viam numerosos membros da colónia francesa. Em frente do monumento formaram um contingente de desembarque da esquadra francesa com banda de música e contingentes da Armada e do Exército português. Após os cumprimentos, o almirante Gensoul colocou na base do monumento um grande ramo de flores e uma palma de bronze destinada a ser deposta no túmulo do Soldado Desconhecido, na Batalha.

ACTUALIDADES DA QUINZENA



Um aspecto do violento incêndio numa dependência da fábrica Vulcano e Colares, vendo-se a densa fumarada que cobriu a Avenida 24 de Julho. Ficaram inutilizados desenhos para a auto-estrada de Lisboa a Cascais, de uma central eléctrica e de algumas pontes. — *A' direita:* A frente do automóvel que, no cruzamento da rua Marquês da Fronteira e Avenida António Augusto de Aguiar, chocou com outro carro. Neste desastre perdeu a vida o motorista José Lopes

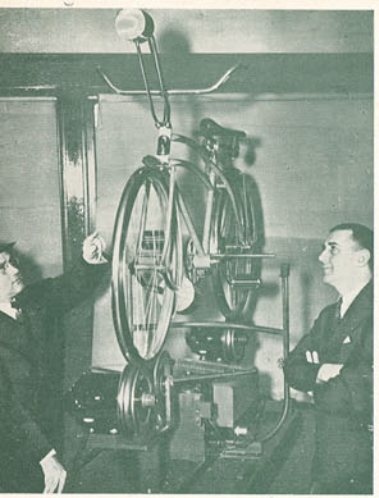
Comemoração do centenário dos Bombeiros Municipais de Gaia. A gravura mostra a mesa que presidiu à sessão solene. — *A' direita:* Os estudantes católicos com o sr. Bispo do Pôrto, na igreja dos Clérigos após a cerimónia da benção solene das pastas dos que vão concluir brevemente os seus cursos. A cerimónia foi abrilhantada pelo grupo coral do Seminário Episcopal do Pôrto



O novo paquete «Robert Ley» que esteve no Tejo com 1.720 trabalhadores alemães. A bordo deste barco é que Hitler passava horas e horas de recreio junto dos operários. Tem 25 mil toneladas e destina-se aos operários alemães da «Fôrça pela Alegria». Possui 4100 quilómetros de tubos e 3 quilómetros de fios eléctricos. É interiormente diferente da maioria dos navios da sua categoria, pois não dá a sensação de se estar a bordo, mas numa bela e confortavel residência. — *À Direita*: — Um grupo de raparigas alemãs exibindo os seus bailados a bordo

OS PRODÍGIOS DO "ÔLHO ELÉCTRICO"

QUE TUDO VÊ E TUDO DIZ?



A «Bicicleta Fantasma» guiada pelo «Olho Electrico»

UMA das características do desenvolvimento técnico actual verifica-se no uso que se faz das forças intangíveis. A electricidade substituiu com uma rapidez assombrosa a força a vapor e outras forças motrizes. A rádio e a televisão cobrem o Universo. O raio de luz, e ultimamente até a invensivel onda curta, em combinação com a assombrosa célula foto-eléctrica, conseguiram ser de grande valor e ajuda nas maquinarias, no tráfico, nos desportos e na vida diária.

A célula foto-eléctrica, conhecida por "Olho Eléctrico", é um pequeno invento de aparência modesta, e que se resume num disco de cobre com uma capa de óxido de um dos lados. No entanto, é tão sensivel à luz como o é o ôlho humano. O mais curioso ainda é que a sua sensibilidade às côres visíveis do espectro solar, é quási igual à dos nossos olhos. E, embora êstes sejam os orgãos mais perfeitos e complicados do corpo humano, o Olho Eléctrico é simplesmente uma placa de metal oxidado.

Ainda que pareça estranho, o Olho Eléctrico tem mais potência que os nossos olhos. O ôlho humano necessita do cérebro para transformar as suas impressões em acções e reacções. Por sua vez, a célula foto-eléctrica, é capaz de transformar directamente a força luminosa em força eléctrica, tornando-se uma geradora em miniatura, impulsionada pela luz.

Se, por exemplo, fôr interceptado o raio de luz focado para o Olho Eléctrico, automáticamente soará uma campainha de alarme. Se a luz dos farois dum automovel fôr dirigida para a célula colocada à porta da garagem, logo a porta se abrirá imediatamente. Se alguem se aproximar da vitrina dum estabelecimento, a sombra do corpo corta a ligação entre os raios invisiveis de uma luz débil e a pequena célula, e logo a vitrina se ilumina. O aumento ou a diminuição da quantidade de luz projectada sôbre o "fototubo" criou uma fraca corrente eléctrica que foi ampliada, e pode, com o cerrar dum circuito, fazer andar ou parar um motor, apagar ou acender uma luz, tocar uma campainha, ou a buzina de um automovel.

Ao chegarmos às portas da Estação de Caminho de Ferro Pensilvania, em Nova York, interrompemos com a nossa passagem a luz focada no Olho Eléctrico. Levamos as mãos ocupadas com as malas, mas isso não importa, porque as portas se abrem diante de nós como por encanto.

Num parque da cidade de Washington foi instalado há algum tempo um *contrôle* automático parecido, num ponto em que o caminho faz uma grande curva, e que tem por fim facilitar a passagem aos veículos e aos cavaleiros que poderão, assim, cruzar-se sem perigo.

A princípio, ensaiou-se com um raio de luz e um Olho Eléctrico. No entanto, os resultados não foram satisfatórios porque, cada vez que passavam peões diante da célula faziam funcionar as luzes do tráfico, fazendo paralizar assim continuamente o trânsito de veículos. Esta dificuldade foi solucionada, instalando-se na curva dois destes dispositivos, um mais alto e outro mais baixo. Desta maneira o cavaleiro ou veículo fariam funcionar o mais alto, ficando o outro destinado aos peões.

O «Olho Eléctrico» dando cartas

A Comissão de Estradas do Estado da Califórnia instalou, em vários pontos, Olhos Eléctricos para contar o número de veículos que ali circulam. Em cada um desses pontos, dois raios de luz invisivel cruzam a estrada. Cada vez que um veículo intercepta o raio, regista-se um número no contador colocado ao lado da estrada. Em muitos túneis e pontes importantes dos Estados Unidos existem dispositivos dêstes para contar.

Um conhecido armazem norte-americano instalou em todas as suas portas contadores accionados por foto células, para contar exactamente quantos clientes entravam durante as várias horas do dia.

Uma importante companhia de gasolina empregou idêntico processo para determinar quais eram os melhores sítios para instalar as suas novas estações. Assim conseguiu verificar quais eram os lugares de mais tráfico.

Até os que tratam de violar a lei podem ser descobertos pela luz invisivel que há entre uma lanha e um Olho Eléctrico. A Zona Livre do Porto de Staten Island, em Nova York está protegida contra os contrabandistas por meio duma cadeia de raios, espelhos refletores e células foto-eléctricas. Ha tambem casas protegidas contra os ladrões e sequestradores de crianças. Usa-se ainda um dispositivo semelhante para provar a culpabilidade de certos automobilistas: dois Olhos Eléctricos colocados a uma distância de um quilómetro e ligados por um circuito eléctrico, determinam exactamente a que velocidade segue o automovel. Se a velocidade exede o limite legal, o dispositivo faz funcionar um sinal que aparece em vermelho a indicar ao motorista que vai muito depressa. Neste caso, o melhor que êste tem a fazer é reduzir a velocidade, caso contrário, seria perseguido por um polícia.

O abrir das portas duma garagem mediante a luz dos farois do automovel, foi um dos primeiros êxitos do Olho Eléctrico. Na nova garagem da Companhia de Transportes da Cidade de Cincinnati, há um sistema de lavar os carros automaticamente, em que o Olho Electrico opera maravilhas: ante a luz dos farois, a mágica célula foto-eléctrica faz actuar as escovas e jorrar água, lavando-se um carro em quarenta segundos.

A propósito, o leitor já tentou alguma vez fazer rodar uma bicicleta pela ranhura central da via dum electrico? Não creio que o possa fazer porque é humanamente impossivel realizar esta habilidade. No entanto, para um Olho Electrico são possiveis as coisas mais incompreensiveis, como se provou com a "Bicicleta Fantasma", sem condutor, fabricada nos Laboratórios de Investigação Científica de Westinghouse em East Pittsburgh. Não há condutor que mantenha melhor o equilíbrio que o Olho Electrico! Este conduz a bicicleta sem um deslise sôbre um sulco estreito, Conduzida e guardando o equilíbrio por meio de uma célula foto-electrica, esta "bicicleta" alcançou uma velocidade de 45 quilómetros à hora e poderia conservar esta velocidade durante anos, sem necessidade de estar sustida por arames ou qualquer outro meio. A "Marcha pelo raio" principia logo que um raio de luz toca um espelho colocado debaixo dos pedais da bicicleta. Este reflete intensidades variaveis de luz para o Olho Electrico ao mesmo tempo que a bicicleta balança. O "Olho" parece "sentir" o balanço e transforma a força de luz variavel numa corrente eléctrica, que é ampliada e enviada às resistências que controlam um motor regulador. Este motor põe em marcha a roda dianteira da bicicleta e move dois pesos para equilibrar, o primeiro — o maior — é atado ao guarda-lamas dianteiro, e o outro — o mais pequeno — pendurado no guiador. Estes pesos estabilisadores equilibram o balanço, tal como o faria um equilibrista de circo para manter o equilíbrio numa bicicleta rodando sobre um arame.

Não suponham que esta "Bicicleta Fantasma" é apenas uma diversão inventada por algum engenheiro brincalhão. Pelo contrário, foi criada para demonstrar o princípio regulador de posições, o qual é empregado hoje em muitas indústrias, aparelhos militares, fábricas de papel e de aço laminado e nos projectores de defesa costeira.

Por exemplo, nêsse mesmo laboratório foi colocada uma célula foto-electrica que tranforma a luz reflectida duma linha-guia escura dum rôlo de papel, em força electrica, para controlar um motor reversivel. O motor mantem a posição do rôlo, sustendo o papel numa linha recta enquanto uma faca o vai cortando, tornando-se assim possivel fazer rôlos uniformes de "clarapel" (cellophane) e rôlos desiguais, e cortá-los em linhas rectas. Outros destes reguladores electrónicos permite cortar sacos de papel de um rôlo impresso, com relação definida da posição de etiquetas ou padrões impressos, fazendo-o com uma exactidão de 4/5 mm. a uma velocidade de centenas de metros por minuto.

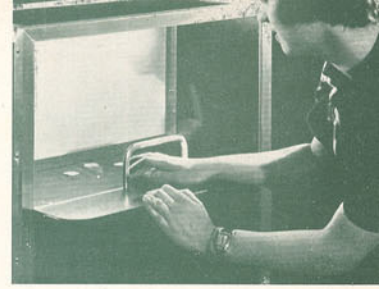
O Exército dos Estados Unidos adoptou um invento semelhante ao empregado na "Bicicleta Fantasma", para focar os seus poderosos projectores. Estes são tão potentes que o observador que permanecesse perto dêles ficaria cego. No entanto, por meio de uma ligação eléctrica apropriada, o observador pode dirigir os raios de luz a qualquer distância fora do resplendor, bastando-lhe um binóculo montado numa plataforma giratória. Cada movimento do binóculo envia impulsos eléctricos a um motor regulador no projector, e o motor e o seu equilibrador apontam para a luz.

Deste modo, o Olho Eléctrico oferece um "contrôle" até onde o contacto mecânico se torna impossivel. O invisivel raio de luz, sulcando o espaço como as ondas da rádio, causa uma variedade de reacções com o objecto de proteger os operários.

Em muitas máquinas das nossas fábricas existe um dispositivo de célula foto-eléctrica que protege o operário. No momento em que a mão do operário se aproxima da zona perigosa, interrompe um raio de luz, e a célula foto-eléctrica desliga o circuito e faz parar a máquina.

A ideia fundamental destas células foto-eléctricas é sempre a mesma, quer obedeça a um raio de luz visivel ou invisivel, e ponha em movimento máquinas de contar, pesar ou graduar tamanhos ou espessuras, quer o tubo responda apenas a radiações da onda curta para medir a potência dos raios ultra-violetas das lâmpadas de arco ou térmicas, como o faz um aparelho recentemente descoberto.

A transmissão de luz através de materiais delgados tem sido medida tambem por meio do Olho Eléctrico, com maior exactidão que o ôlho humano o poderia fazer. O Olho Eléctrico é tambem usado para igualar as côres de líquidos transparentes, como azeites, vernizes, soluções. A célula foto-eléctrica comparadora indica, num quadro, o grau de côr duma amostra, em comparação com a amostra modêlo.



O «Olho Eléctrico» de guarda aos ladrões

Sendo, pelo menos tão sensiveis como os olhos humanos, os Olhos Eléctricos podem registar a mais leve mudança na intensidade da luz. Chega até a classificar os charutos de acôrdo com a sua côr. Segundo a côr que apresentam os materiais quentes, os Olhos Eléctricos determinam os seus graus de temperatura.

Mudanças de luz de uma tão curta duração, como 1/5,000 de segundo, podem ser controladas pelo Olho Eléctrico. Por isso, não é de estranhar que êste Olho Mágico esteja sendo usado nos desportos modernos, nos quais a rapidez e a precisão são importantíssimas. Os olhos e as mãos do homem não são suficientemente seguros para contar o tempo a uma fracção de segundo. Daí os modernos contadores eléctricos, que tomam o tempo à saída e à chegada de uma corrida, utilizarem Olhos Eléctricos e raios de luz que inevitavelmente têm que ser interceptados pelos corredores.

Haverá algum invento de mais universal utilidade que o Olho Eléctrico?

ANDRÉ LION

O «Olho Electrico» tocando marimba

FIGURAS E FACTOS

O sr. Presidente da República, acompanhado pelo sr. ministro da Educação Nacional, governador civil de Lisboa inaugurando a Exposição de Artes e Indústrias das instituições de beneficência particular. O chefe do Distrito, a quem se deve a iniciativa de tão interessante e útil certame, foi incansável, sendo também para louvar os esforços do ilustre advogado, sr. dr. Adolfo de Andrade no sentido de conseguir que a exposição se realizasse num palácio condigno que mais fez realçar as preciosidades expostas

Morreu Lino Ferreira que, sem favor, foi uma figura de relêvo do Teatro Português. Conviver com êle era estimá-lo e, por isso, Lino Ferreira se tornou querido de tôda a gente. Dotado duma grande bondade, o seu coração abria-se a todos os que junto dêle suplicavam. Extinguindo-se tão prematuramente, levou, pelo menos, a grata consolação de não ter deixado um único inimigo. A *Ilustração*, desfolhando uma saüdade pelo seu antigo e sempre querido colaborador, apresenta pesames à família enlutada

Armando Ferreira, o consagrado humorista da *Lisboa sem camisa* que nos deu *O casamento da Fifi Antunes*, *O Baile dos Bastinhos* e *O gaiá de Alcântara*, que nos fez rir com *O amor de Perdigão*, está sempre de acôrdo com a sua divisa: «Trabalha, trabalha muito, trabalha sempre...» Da sua pena acaba de brotar a *Crónica duma família provinciana em Lisboa* que, como os livros anteriores dêste escritor, é cheio de graça esfusiante e sã

Belo Redondo, o irrequieto reporter dos casos sensacionais e o escritor emocionante d'*A Cidade Maldita* e d'*A Cidade dos Fantasmas*, acaba de publicar, de colaboração com o jornalista Tomé Vieira, o primeiro volume duma série que tem por título *Crimes e criminosos célebres* e se inicia com Diogo Alves e a sua quadrilha — O homem nu — A famosa «Giraldinha» — As proezas de um gatuno elegante e O falso casamento dos «Irmãos Unidos». Os seus autores, na explicação prévia, à guisa de prefácio, declaram que «com esta obra não pretendem satisfazer a curiosidade mórbida de certo público, nem atender a predilecções doentias dos que se comprazem na contemplação da miséria e da desgraça...». Nas páginas que escreveram a verdade suplanta a imaginação, e o romance é preterido pela reportagem — ou não fossem êles repórteres experimentados das secções criminais dos jornais lisboetas

Nestes frios tempos de realidades ainda há poetas que sonham e metrificam ilusões... *Peara lavrada* é o título dum livro de versos do poeta Caetano Teixeira de Aragão que há anos se estreou com um volume chamado *Torvelinhos*. Melhorou. Neste último livro vê-se que o poeta «lavrou a pedra» com inspiração e gôsto

Pina d'Emarghi é uma pintora que, tendo expôsto no último Salão das Belas Artes, não mereceu grande entusiasmo à crítica. E, no entanto, esta pintora tem faculdades de grande retratista que pode e deve vir a ter um largo futuro. A nossa vêr, a crítica não deveria limitar-se a enaltecer os consagrados, mas a animar os principiantes, pois que até Rafael Sanzio e Miguel Angelo principiaram. O quadro exposto pela pintora Pina d'Emarghi não será uma obra prima, mas revela sobejamente as excepcionais qualidades da sua autora e os largos vôos que poderá vir a desferir. Temos até a certeza de que se, em vez de estar assinado por uma artista que principia agora, êste quadro tivesse um nome já conhecido, seria tubado o seu autêntico valor, visto que apareceram lá piores... mas mais bem assinados

AMAI-VOS UNS AOS OUTROS!

FORAM estas as palavras do Divino Mestre, no seu ultimo sermão da montanha, antes de cair nas mãos de Pilatos, que por sinal as lavou para condenar um inocente.

Como se bastasse lavar as mãos, para lavar a consciência.

E é justamente porque a raça dos "pilatos„ subsiste que se fazem tantas iniquidades.

Se houvesse gente de coragem e força de vontade, para resistir ás sugestões dos maus juizes e que dissesse bem alto e forte: — "Não faço isso porque na minha consciencia não se deve fazer„, não andaria a humanidade tão angustiada, e, individualmente, cada qual no seu casinhoto, poderia considerar-se feliz.

"Amai-vos uns aos outros„, bem o prègou Aquêle que foi sacrificado á ambição e á cubiça de mandões desalmados, sem escrúpulos. Mas ninguém faz caso já — e o certo é que sempre mais ou menos assim foi — da sublime aspiração de Jesus.

Os homens detestam-se entre si. Quando se entendem é simplesmente um entendimento aparente no mesmo empreendimento ganancioso e logo um ou outro se farta de manter o combinado e foge com a sua palavra na direcção de melhores conveniencias.

Amor do proximo, é coisa que não há. Todos querem para si o melhor quinhão, pouco se lhes dá que o visinho fique ao relento, sem abrigo com o estomago esfomeado.

E' quem mais pode correr, para chegar mais depressa ao manancial e comer, comer desapiedadamente, sem pensar nos que não podem andar tão ligeiros, por incapacidade própria ou pelos tropeços que a sofreguidão dos glutões lhes vai atirando no caminho.

Os bons, conciliadores espiritos, que ainda os há, para um consôlo moral ao menos, são da minoria, e por mais que queiram e se esforcem por deter a onda de maldade e de loucura que ameaça submergir o mundo, nada podem fazer. Ficam com as suas idealistas teorias de paz e de amor, como pombas perseguidas, por monstruosos gaviões, para quem o raminho de oliveira é a bandeira da revolta e da provocação.

Que podemos nós fazer, se ninguém entende a nossa linguagem, porque propositadamente não nos querem ouvir se fecham os olhos á luz da razão, se os nossos ouvintes estão obcecados por uma idéa fixa que se lhes incrustou no cérebro, que não há escopro nem martelo que de lá a arranque?

Só a persuasão, que é a arma mais forte, pode fazer o milagre de corrigir os nossos erros; mas é preciso que estejamos dispostos a deixar-nos persuadir, a reconhecer que andamos por sendas invias.

De que vale um bom pastor, se no rebanho ha más ovelhas que reincidem no seu crime de desviar as companheiras das regras da obediência, e as levam por um caminho errado?

Já dizia Santo Agostinho que "as palavras não são nada sem a alma do leitor„ — o que quer significar justamente o que fica exposto.

Escritas ou faladas, se o leitor e o ouvínte estão de peito feito para não quererem vêr e entender o que nelas ha de bom e de sublime para o bem geral, as palavras são como folhas que o vento dispersa.

E, todavia, não era empreza dificil que todos os que Cristo considera irmãos entre si, seja qual fôr a raça, seja qual fôr a parte terraquea em que habitem, se entendessem e compreendessem, dando-se as mãos, para fazer com que a vida melhorasse igualmente para a colectividade.

Não precisamos, para alindar a nossa casa, e guarnecer a nossa meza de gostosas iguarias, de danificar a casinha do nosso visinho humilde, nem de lhe entornar a tijela do seu pobre caldo.

Que as almas se abrissem mais francamente á alegria de viver, contentes com o que Deus lhes dá, não se entregando sem peias a sonhos embriagadores, mas que no fim levam ás maiores decepções, e isso era o que bastava para que o mundo sossegasse e entrassemos todos numa era de tranquilidade, com o espirito sossegado para nos dedicarmos ao trabalho que regenera e nos desvia de más idéas, olhando pelo que é nosso, cristãmente, sem prejudicar e sem atropelar os outros.

E, assim, respeitariamos a sã doutrina e, ainda para mais valía, teriamos a paz definitiva no corpo e na alma.

Nem canseiras inuteis, nem desassocego espiritual: Amêmo-nos todos como irmãos, e teremos outra vez o paraíso na terra.

Á medida que vou escrevendo estas linhas, oiço no meu cérebro aquêle diabo arreliador que todos trazemos dentro de nós, mesmo sem nosso consentimento, aquêle espírito mau que teima em tirar-nos tôdas as ilusões, em amargurar-nos a existência, estando sempre em desacôrdo com as nossas ideias de bem fazer.

Êsse diabo diz-me que estou prègando no deserto, que ninguém me ouvirá, que o mundo anda distraído, sem tempo para ouvir sermões, e sem calma para atendê-los e submetê-los à sua consciência.

É possível que êsse espírito de contradição não ande longe da verdade.

Mas não importa. No meio da loucura que parece avassalar as gentes, é preciso que alguns corações compassivos lancem nas almas as sementes consoladoras. Pode ser que o vento da insânia nem tôdas leve, e alguma frutifique.

MERCEDES BLASCO.

«Amai-vos uns aos outros!» — Quadro de E. Debat Ponsant

Projecto de Columbano para a capa de uma revista de Eça de Queiroz, que nunca veio a lume

O Prospecto-Programa da Revista de Portugal *deve ser hoje, nas colecções de bibliófilos, coisa bem rara. É todo êle da pena de Eça de Queiroz, e não foi reünido em volume. Por nos parecer que revela uma das facêtas mais interessantes do seu espírito, a* Ilustração *arquiva-o nas suas colunas, reproduzido integralmente. É uma lição de cultura, de inteligência e civismo.*

I

PORTUGAL é actualmente na Europa o único país que não possue uma *Revista* — uma Publicação onde, além de se apresentarem criações da imaginação no Romance e na Poesia, resultados da investigação na Ciência e na História, trabalhos de Crítica literária e de Crítica artística, se estudem, com desenvolvimento e adeqüada competência, os assuntos que genèricamente se prendem com a Política, com a Economia, com as Instituïções, com os Costumes, com tôdas as manifestações de um organismo social.

Sob o tipo de *Revistas*, duas ou três publicações entre nós circulam, é certo, muito valiosas e muito autorizadas: mas, por isso mesmo que não transpõem programas especiais, não actuam sôbre o vasto Público, nem satisfazem tôdas as curiosidades intelectuais que uma cultura crescente torna felizmente cada dia mais largas e múltiplas. De sorte que, entre estas Publicações de natureza restrita e os Jornais, diária e militantemente absorvidos na informação e na polémica — desde muito existia um espaço vazio e apropriado para uma Revista que, além de fornecer às Letras um novo meio de popularização, estável e congénere com a sua dignidade, tomasse conjuntamente sôbre si o exame da nossa Sociedade — das obras que nela se formam, dos homens que nela destacam, dos factos que nela dominam, dos problemas que nela se agitam, das tendências que nela se agitam. A *Revista de Portugal* tenta preencher êste lugar responsável e grave.

II

A utilidade duma Revista no nosso meio está amplamente comprovada — logo que se considerem os inconvenientes positivos que da sua falta tem resultado para o nosso progresso intelectual e moral.

Uma Revista, organizada conforme o tipo que por tôda a parte a popularidade consagrou, é uma publicação que oferece nas suas páginas (para enumerar apenas os géneros mais fácilmente classificáveis) — produções originais no Romance e na Poesia; Crítica literária, artística e dramática; estudos de História, de Filosofia, de Sociologia, de Economia, de Pedagogia; memórias científicas; biografias; relações de viagens e de costumes; apreciações dos actos legislativos e administrativos; análises dos problemas nacionais; comentários do estado político. — Ora todos êstes trabalhos, e as ideias, os factos, ou as obras sôbre que êles versam, são para o Público duma importância individual e directa: dêles dependem a educação do seu espírito, por vezes os interêsses da sua existência: e o Público é portanto prejudicado quando, pela falta duma Revista onde êsses trabalhos se produzam, não possa aproveitar do ensino, do conselho e da luz que êles contenham.

O grupo dos «Vencidos da Vida»

NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIROZ

Publica-se o famoso Prospecto-Programa da Revista de Portugal

Assim na obra de Romance e de Poesia tem resultado da não-existência duma Revista que muita dessa produção superior fica incompleta ou inédita, porque os seus autores, sobretudo quando são novos e se estreiam, se encontram para penetrar na Publicidade — entre o Livro com o seu cortejo quási insuperável de dificuldades editoriais, e o Jornal com a sua estreiteza, a sua promiscuïdade, a desalentadora perspectiva da sua vida efémera. Idêntico obstáculo se opõe à produção de trabalhos históricos, filosóficos, científicos, narrações de viagens, biografias, que, não abrangendo pela sua natureza a extensão do volume, não cabem também na exigüidade do jornal, nem acham nele um lugar congénere e digno. E assim, com detrimento das Letras e do Público que as cultiva, tôda uma valiosa actividade fica embaraçada e muda pela carência duma Revista.

Com essa carência tem consideràvelmente sofrido também a Crítica literária que até hoje nunca em Portugal possuiu um órgão próprio através do qual exercesse a sua função — forçada a asilar-se nas colunas dos jornais onde vai ganhando nocivos hábitos de ligeireza e de improvização. Daqui provém que a Crítica entre nós nunca pôde eficazmente penetrar nos hábitos literários, nem cativar a estima geral. Obras que no estrangeiro vão ser estudadas, apreciadas, traduzidas — passam entre nós, através da Imprensa, sem outra menção além das fugidias linhas que lhes anunciam o formato e o preço. Ora nenhuma influência mais esterilizadora do que a que exerce sôbre o obreiro da inteligência, principalmente quando êle é novo, êste frio silêncio caindo em tôrno da sua obra: — a chama do pensamento, para durar e subir sempre, precisa ser alimentada por amplas correntes de simpatia. Por outro lado esta supressão da função crítica, reguladora e ponderadora, que, sem tolher as vivas originalidades, mantenha os espíritos na linha justa, impedindo que os de natureza exuberante se dispersem na estravagância e os de natureza comedida se petrifiquem na rotina — é uma das causas mais directas da anarquia intelectual em que uma Literatura por vezes se transvia e cai. E nela o Público termina por cair e transviar-se também, logo que por muito tempo lhe falte essa direcção que incessantemente afina e eleva o gôsto.

No exame da obra legislativa, da obra administrativa, da evolução política, dos problemas económicos e sociais, tem sido paralelamente sensível a falta duma Revista — pois que êsse exame está abandonado ao Jornalismo diário, onde êle tem inevitàvelmente de ser improvisado, sem vagares da reflexão, sem apoios de documentação, por um ou dois Jornalistas sempre os mesmos, que, por mais lata que seja a sua cultura não podem penetrar e possuir tôdas as especialidades, e por mais recta que seja a sua consciência não podem inteiramente desprender-se da solidariedade e disciplina de partido. Assim no meio das nossas discussões políticas, tão constantes e clamorosas, tem faltado, com uma Revista, êsse lugar levantado e sereno, onde, lentamente e maduramente, cercadas de documentos e providas de especial saber, se estabeleçam para o julgamento das coisas a Razão e a Experiência. E, com essa falta que dificulta o possível apuramento da verdade, tem padecido as questões, e os interêsses que a elas se prendem, públicos ou individuais.

Na nossa comunicação com a Ciência e o Pensamanto das nações estrangeiras, tão importante para quem, como nós, é dêles profundamente tributário, tem sido de incessante desvantagem a não-existência duma Revista, que, alargando para além da França (nossa exclusiva escola e único socorro do nosso espírito) as fontes das noções e das emoções, nos faça aproveitar do que as duas grandes nações pensantes, a Inglaterra e a Alemanha (outras ainda, mesmo a nossa vizinha e progressiva Espanha), tão desconhecidas tôdas entre nós, tem mais recentemente produzido no exercício das Letras, e obtido na conquista da erudição. Por outro lado, se uma Revista é necessária para trazer a Portugal o ensino da terra alheia, igualmente e mais urgentemente a necessitamos para levar ao estrangeiro alguma notícia do nosso próprio movimento intelectual, concentrando-lhe as feições essenciais num volume que periòdicamente penetre e se espalhe nos centros activos da cultura europeia.

Para os Escritores, mais directamente, tem da falta de uma Revista resultado esta desunião moral e intelectual que os traz dispersos, como divorciados, possuindo dos escritos uns dos outros um conhecimento pouco extenso, formando da valia uns dos outros um juizo pouco correcto, privados do fecundo estímulo que nasce da mútua aproximação dos trabalhos, desajudados da inspiradora sugestão que brota da constante permutação das ideias, sem acção e sem influência como classe — e inhábeis, portanto, para comunicar à Literatura essa fôrça civilizadora, que só pode surgir da diversidade das inteligências laborando em harmonia, e convergindo para um fim comum e sintético.

E enfim, o Público, pela ausência duma Revista que periodicamente vá registrando a vida nacional nas suas diversas evoluções, não tem possuído o único meio de seguramente computar a valia ou a inanidade do esfôrço colectivo. Só por meio duma Revista, onde gradualmente se foi depositando a produção intelectual do país, e deixou exacto vestígio a sua actividade política e económica, se se pode ao cabo de um período calcular quais fôram, na vida nacional, as aquisições, as paragens, os retrocessos, os progressos. Já um escritor inglês disse que as Revistas inglesas habilitavam a Inglaterra a dar anualmente o "balanço à sua civilização". Dêsse balanço sai a mais salutar das lições, a mais eficaz das regras. E assim uma Revista pode verdadeiramente operar como a consciência escrita duma nação.

Em suma: — abrir um espaçoso e acessível meio de publicidade à produção literária;

Criar um orgão especial e profissional de Crítica, onde essa função educadora se exerça com autoridade e segurança;

Erguer, entre as discussões da Política, um lugar mais alto, que, no meio das paixões e interêsses subalternos, seja como o refúgio da superior razão;

Organizar uma perene e metódica transfusão do saber e do pensar das nações estrangeiras;

Formar um resumo do nosso movimento intelectual que torne praticável à Crítica estrangeira a apreciação dos nossos homens, das nossas obras, das nossas tendências, e nos dê entre as nações literárias o lugar mesquinho ou largo que mereçamos ocupar;

Estabelecer um centro intelectual onde os escritores moralmente vivam uns com outros em mais estreita comunhão;

Fundar um registro permanente da nossa actividade em todos os ramos, que nos permita termos, o mais exacta e visível que ser possa, a consciência de nós mesmos;

Tais são os fins da *Revista de Portugal*. E ousamos dizer que êles são patrióticos.

III

Para realizar estes fins tem a *Revista de Portugal* doze Secções, umas permanentes, conservando a sua ordem e as suas proporções, — outras variáveis, oferecendo às curiosidades inteligentes, alternadamente, em harmónica rotação, séries completas de estudos diversos sôbre os factos da Sociedade e da Natureza.

A secção I, mais especialmente afectada pela índole periódica da Publicação, é destinada a todos os artigos inclassificados, momentaneamente impostos pela viva urgência duma questão ou pelo

Eça de Queiroz

absorvente interêsse dum excepcional sucesso. E esta Secção será ainda aproveitada, com freqüência, para estudos biográficos de homens eminentes de Portugal, do Brasil, doutras nações, — acompanhados, conforme o uso das modernas Revistas inglesas e americanas, de retratos, superiormente gravados em Paris ou em Londres.

A Secção II é consagrada a Romances, Novelas e Contos originais, dos escritores que mais se têm ilustrado entre nós nesta forma tão popular da Arte — e daqueles ainda que nela se venham a estrear com talento e originalidade.

A Secção III pertence aos trabalhos de História, de Filosofia, de Sociologia, de Pedagogia, etc. Nela serão apresentados também estudos de Ciências naturais, tratados naquela altura de generalisação, mais fàcilmente assimilável, e acomodada ao Público que não tem o livre vagar nem o interêsse do detalhe e da especialidade.

A Secção IV é ocupada pela Poesia. Aí encontrará o Público os mais altos poetas contemporâneos de Portugal e do Brasil, e terá o prazer delicado de assistir na estreia dos novos ao desenvolvimento da fôrça poética das duas nações. A demais, nesta secção, a *Revista* procurará, por meio de finas e artísticas traduções, tornar conhecidos e estimados os poetas modernos de Inglaterra, da Alemanha, da América, da Rússia, da Itália, tão ignorados ainda entre nós que (para citar sòmente a Inglaterra) nem quási os nomes sabemos de Tennyson, de Swinburne, de Isabel Browning, de Robert Browning, de Morris, de Rossetti, de Arnold, de Alfred Austin, de Trench, de Gosse, de Aubrey Vere, de Henley, de tantos outros que formam a gloriosa e incomparável Pléiade Poética da era Vitoriana.

A Secção V é votada alternadamente a trabalhos sôbre Agricultura, Economia rural, Higiene; sôbre actos de legislação e de administração; sôbre o funcionamento dos serviços públicos; sôbre assuntos coloniais, militares e navais; — sôbre tudo enfim que mais pràticamente se liga com a vida da nação.

A Secção VI é de Crítica literária. Aná-

lise das obras mais importantes que aparecerem em Portugal, no Brasil, e no Estrangeiro; estudos de História literária; trabalhos desenvolvidos sôbre as literaturas clássicas e modernas da Europa, terão o seu lugar nesta secção completada por um Quadro Bibliográfico dos livros publicados no decurso do mês.

A Secção VII é reservada à tradução das obras contemporâneas estrangeiras, de mais elevado valor, que melhor representem evoluções e fórmas de Arte no Romance e no Drama, ou novas correntes de pensamento na Filosofia, na História e na Crítica: — assim como Memórias e Correspondências, curiosas pelas personalidades ou épocas de que emanam, e instrutivas como documentação da História política ou literária. Em certos casos (como nos trabalhos da História, Crítica, Memórias ou Correspondências) estas obras serão reproduzidas por meio de copiosos extractos, onde se retenha o que elas de mais essencial contêm ou de mais interessante. No caso de obras de arte como Romance ou Drama, serão apresentadas em traduções do mais alto apuro literário.

A Secção VIII dará por turnos Correspondências de Paris, de Londres, de Berlim, de Madrid, do Rio de Janeiro, retratando o movimento dessas capitais nas Letras, nas Ciências, na Política, no Teatro, na Sociedade, em tudo quanto pinte os traços distintivos das suas civilizações. A esta secção pertencem igualmente as narrações de viagens, de missões de explorações geográficas, empreendidas por Portugueses e por Estrangeiros.

A Secção IX que tem o título de *Crónica do Luxo e da Moda*, não é das que freqüentemente se encontram numa Revista. Aquilo porém a que chamamos "a Sociedade„ tem incontestavelmente entre nós uma penetrante e crescente influência sôbre a Literatura, a Arte, a Política, os Costumes. — E portanto o exame e notação do seu modo de ser não se podiam omitir numa publicação que mais que tudo pretende representar nas suas páginas tôdas as modalidades da nossa existência nacional.

A Secção X é ocupada pela *Crónica Política*, e esta mera designação basta a explicar-lhe a natureza: — assim como a Secção XI está suficientemente definida pelo seu nome de *Crónica Financeira*.

Finalmente a Secção XII forma como uma recopilação da *Revista*. Escrita em francês, sob o título de *Lettre pour l'Etranger*, e destinada particularmente aos centros em que a nossa língua é totalmente ignorada, ela resume o quadro periódico da nossa actividade literária, política, crítica, ciêntifica, artística e social, com o intuito de tornar pouco a pouco mais conhecidos e com mais exactidão apreciados pelo Estrangeiro os homens, as obras e as coisas de Portugal.

IV

A *Revista de Portugal*, sendo portuguesa, é também implicitamente brasileira — e para a leitura dos dois povos que habitam os dois solos foi ela desde princípio criada. Se, como se tem afirmado com razão, na língua verdadeiramente está a nacionalidade — duas nações que põem a sua Idéia no mesmo Verbo formam para os supremos efeitos da civilização uma nação una. Na esfera das Letras tudo o que uma produza se torna logo pela língua comum a ambas, como aquisição, acréscimo de riqueza literária. Entre os fenómenos da vida social de cada uma a língua estabelece a mais subtil e forte solidariedade. E as próprias divergências de interêsses têm, na língua em que são debatidos, uma secreta e íntima influência tendendo sempre a atenuar-lhe as asperezas, a fundi-los num todo de superior concórdia.

É no Brasil que os nossos homens encontram um mais exacto e completo aprêço: é no Brasil que os factos da nossa sociedade inspiram um mais intenso e directo interêsse; é no Brasil que as obras do nosso espírito recebem um mais franco e caloroso acolhimento. — Por outro lado nada do que o Brasil faz, pensa, diz e produz nos póde ser alheio ou indiferente. Estudar o Brasil nas complexas manifestações da sua actividade é ainda estudar-nos a nós mesmos. E se uma Revista, escrita em língua portuguesa, não contivesse o exame das idéias, das obras, dos factos do outro povo que fala a nossa língua — seria lamentavelmente incompleta para Portugal, que ficaria assim privado de assistir, num quadro concentrado e fàcil de abranger, a tudo quanto faz e pensa a outra metade de si mesmo que vive para além do mar.

Por isso na *Revista de Portugal* se acharão, paralelos aos nossos, os trabalhos dos melhores escritores brasileiros; as notícias e estudos sôbre os homens e as coisas do Brasil serão tão minuciosos e desenvolvidos como sôbre os de Portugal; — e um poderoso meio assim se oferece de tornar mais patentes um ao outro os dois povos, avivando o congénito interêsse que um pelo outro nutrem, completando a união afectiva pela aliança intelectual, e cimentando o velho e sólido nexo económico por uma nova e fecunda colaboração literária.

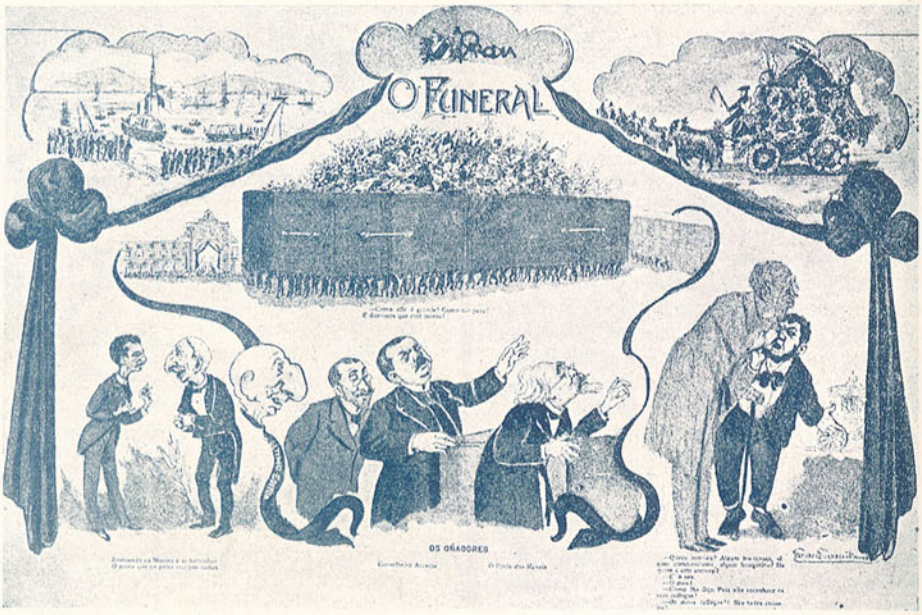
V

Tais são, enunciados, com a concisão dum Programa, os intuitos da *Revista de Portugal* — e a organização pela qual se pretende obter-lhes realização e eficácia. Ao Público de Portugal e do Brasil resta agora dar ou negar aquele apoio e coadjuvação material, sem a qual, numa Publicação, os mais nobres intuitos, como a mais apta organização, permanecem estéreis à maneira duma semente que caíu na rocha dura.

Se o Público acudir a sustentar esta obra, ela poderá desenvolver-se, e actuar como um fecundo factor da educação. Se o Público se recusar, a nossa obra tem de deperecer e desaparecer — deixando de novo reinar, por sôbre tanta coisa que necessitava ser atendida e alumiada, a escuridão e a indiferença.

Uma numerosa e ilustre pléiade de espíritos, a mais bem dotada e brilhante que jàmais reüniu uma Publicação em Portugal, prepara-se a afirmar periodicamente a vitalidade e o valor do nosso país na ordem do pensamento e do saber. Vai ela sentir no Público uma vasta e quente repercussão de simpatia — ou encontrar apenas em torno retraimento e mudez?

Uma nação só vive porque pensa — *cogitat ergo est*. A nação que, nas coisas da inteligência, se mostra morta, ou que a cada esfôrço que em prol dela se tenta para a mostrar viva responde com o desdém, inutilizando voluntàriamente êsse esfôrço e dando-se pùblicamente a atitude de morta — convida tàcitamente as outras a que a tratem como um cadáver que se despreza na computação das fôrças vivas, e que um dia, quando melhor convenha às que mais podem porque mais pensam, sem escrúpulos se pisa e se retalha.



O funeral de Eça de Queiroz (famosa página do jornal «A Paródia» — desenho de Rafael Bordalo Pinheiro)

PEDRAS QUE REVIVEM

A ressurreição da cidade de Herculano

A ressurreição da cidade de Herculano, destruida ha dois mil anos por uma erupção do Vesúvio, constituiu um verdadeiro prodígio.

O desastre de Herculano foi muito mais terrivel que o de Pompeia, visto que a cidade não só pelas lavas, pedras e cinzas, mas tambem por uma torrente impetuosa de lama que jorrava de diversos pontos da montanha.

Esta cidade que tanto sofrera com o terramoto de Fevereiro do ano 63 (A de C.) no reinado de Nero, findava a sua vida florescente sob a fúria da terrível erupção vulcânica de 24 de Agosto do ano 79, no reinado de Tito, em que a montanha do Vesúvio perdeu a sumidade do cone.

O aspecto arquitectónico de Herculano, cuja vida se desenrolava calma e serena, sem desenvolvimento industrial, divergia do de Pompeia, sendo, por isso, a deliciosa cidade preferida pelos patrícios para as suas habitações.

Estácio exalta-lhe a sumptuosidade e a beleza de seus palácios; Cícero alude nas suas cartas, à casa dos irmãos Fabios; Séneca fala duma moradia maravilhosa pertencente a Calígula que ali encarcerara sua mãe, e por êsse motivo a mandara demolir.

A torrente lamacenta jorrada do Vesúvio, na terrivel noite da destruição, cobriu toda a cidade, e, com o decorrer dos anos solidificou-se, criando uma camada compacta da altura do antigo nivel da estrada que ia de 12 a 25 metros. Assim se ofereceu a possibilidade da construção dum outro centro chamado Resina. Esta povoação teve de ceder uma parte de si mesma para que se pudesse dar luz à cidade sepultada.

A planta de Herculano era mais regular que a de Pompeia, fazendo lembrar pela sua orientação e distribuição a planta das cidades de origem grega.

Foi por um mero acaso que, em 1709, o príncipe de Elboeuf, tendo mandado construir um poço no bosque dos frades Alcantarini, deparou com um muro do cenário do teatro da cidade sepultada.

Prosseguindo as escavações, encontrou um número considerável de mármores preciosos e de estátuas, entre as quais as "herculanensi" que estão no museu de Dresde.

Trinta anos depois, Carlos de Bourbon encarregou o engenheiro militar espanhol Alcubierre, auxiliado pelo arquitecto suiço Carlos Weber, de continuar as escavações. Nessa altura, Francisco La Vega procedia á reconstrução da planta da antiga cidade. Foram descobertas as ruinas do Teatro, da Basílica e de alguns templos.

Em 1750 foi encontrado um verdadeiro tesouro de esculturas na Vila dos Papiros.

Em 1828, a exploração, que havia sido precedentemente conduzida através de cunículos e de túneis, foi facilitada pelas escavações ao ar livre, descobrindo-se dois grupos de casas, e, entre elas, a Casa de Argo com o peristilo.

Entre 1869 e 1875, sendo a empresa patrocinada pelo rei Victor Emanuel II, foram descobertas duas "insulae„ e a frente meridional das Termas.

Em 1904, o arquitecto inglês Waldestein procurou dar ás escavações uma organização internacional, mas a tentativa falhou.

O Duce, reconhecendo a importancía da obra de ressurgimento da cidade sepultada, mandou prosseguir nas escavações, segnndo um método científico. As obras foram inauguradas em Maio de 1927 com a assistência do soberano.

A dificil empresa foi confiada ao professor Majuri, superintendente das antiguidades da Campania. Este, após um assíduo e inteligente trabalho de onze anos, conseguiu trazer á luz a II e a IV "insulae„ do bairro meridional da cidade; as termas públicas, das quais eram apenas conhecidas a área e a palestra; a V insula, e dois grandes grupos do bairro oriental. Entre estradas e edificios descobriu uma área três vezes maior do que a conseguida até com tanto trabalho e cinqüenta anos de fadiga.

Seria longo descrever o caracter dos edifícios citados, tão diversos dos de Pompeia. A sua arquitectura apresenta novos aspectos. É uma radical transformação da casa itálica e helénica sob a influência do espirito prático da romanidade e sob a influência mais directa e profunda de Nápoles, oprimida pela crise do urbanismo.

As artes deviam estar muito desenvolvidas em Herculano, a calcular pelos magníficos mosaicos trabalhados em madeira e pelos mármores esculpidos e marchetados.

Pelo que respeita á arte pura, os admiráveis exemplares de escultura recuperados, e que constituem uma parte da riqueza do Museu de Nápoles, lembram os melhores artistas gregos. Alguns são originais, mas parecem, na sua maior parte, reproduções de artistas romanos da época de Augusto. Uma pintura encontrada ha tempos, numa modesta casa de artífices, apresenta uma novidade absoluta, porque se trata de um quadro de cavalete (o primeiro que se conhece da época pompeiana) representando uma cena de Cupido.

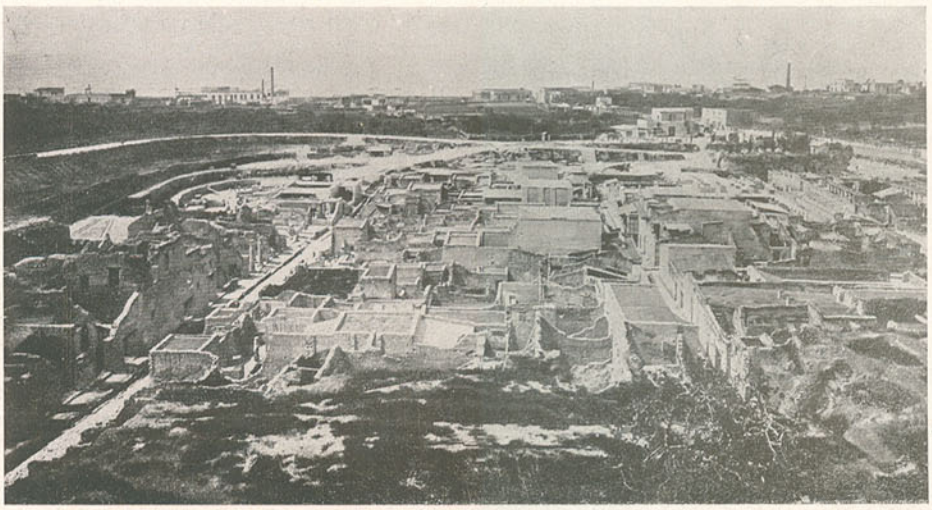
As estradas descobertas até agora são calçadas com pedra vesuviana ainda empregada no calçamento das ruas de Nápoles. Aparecem tambem algumas com pedra calcárea.

Verificou-se, além disso, que o abastecimento de água atingiu em Herculano uma evolução progressiva, como o testemunham duas fontes publicas encontradas, um deposito de água na "Casa Sanítica„ e os ninfeus e os tanques encontrados nos jardins e nos pátios das casas mais modestas.

A cidade, segundo recentes averiguações, desenvolvia-se presumivelmente numa área que constituia a terça parte da ocupada por Pompeia, e o seu numero de habitantes seria de quatro a cinco mil, isto é, um terço da população pompeiana. Embora o movimento comercial fôsse muito limitado, os instrumentos encontrados em casas humildes provam que a industria de pesca estava muito desenvolvida.

Nas casas mais ricas foram encontrados, nos ultimos tempos, bronzes e mármores reproduzindo as efígies de personagens imperiais da época dos Julios e dos Claudios.

Graças ao critério seguido pelo prof. Majuri em conservar intacto tudo quanto se vai recuperando nas escavações, foi possivel reconstituir integralmente todos os ambientes e restaurá-los sem qualquer arbítrio. Assím, a parte da cidade desenterrada, torna a viver no seu aspecto originário que interessa e que comove.



Um aspecto da cidade de Herculano

JARDINS ZOOLÓGICOS

E A SUA LIBERDADE

A VIDA DOS ANIMAIS

MUITA gente duvida da utilidade dos jardins zoológicos e juntam às suas dúvidas comiseração pela bicharada enjaulada.

Crêem que tigres, panteras, leões e outras feras viveriam mais felizes na sua selva e gostariam, enfim, que a todos os reclusos dos interessantes jardins fôsse dada plena liberdade.

Conta-se a fábula de um cão gordo e anafado, que passava os dias preso a uma forte corrente de ferro e cuja sorte o cão magro e faminto não invejava, porque preferia a sua atribulada liberdade à abastança do cão da coleira.

Suponho que tanto a macacaria como a papagaiada, zebras, girafas e outros, serão da opinião do cão faminto e daquelas boas pessoas compassivas.

No entanto, alguns tratadistas afirmam que a bicharada não sofre tanto da sua clausura, como aqueles corações bem formados supõem.

Um dêstes últimos dirigiu-se à administração de um grande jardim zoológico da América para lamentar a sorte de um pobre urso polar que, segundo aquele zoofilo, havia endoidecido. O bicho caminhava, sem cessar, de um lado para outro no pequeno espaço da sua jaula, e já tão exausto de fôrças que não levantava as patas — arrastava-as.

O administrador, que atendeu o protector dos ursos, sorriu e respondeu que não se afligisse porque todos os ursos polares tomam aquela mesma atitude, de quando em quando. E' o instinto que opera, porque o bicho se julga transportado num bloco de gêlo e caminha cautelosamente com receio de chegar ao limite do bloco e ter de dar um desagradável mergulho forçado.

Há muitos outros animais que tomam periodicamente atitudes susceptiveis de provocar, sem motivo, a comiseração dos zoofilos. Os ursos de côr castanha permanecem, às vezes, longas horas levantando alternadamente uma pata após outra: repetem apenas um movimento ancestral com que os antepassados cavavam nos gelos as suas guaritas para o inverno.

Quando os macacos se coçam mutuamente não estão, na realidade, dando caça às pulgas dos companheiros; é que a pele do macaco tem um sabor a sal que êles apreciam. Os macacos não são grandes portadores de parasitas.

Antes, porém, de prosseguirmos nestas considerações desejamos prevenir o leitor benévolo de que as considerações são extraídas de um *magazine* americano e, dada a sua proveniência, manda a probidade advertir o leitor de que não assumimos a responsabilidade por tôdas as afirmações dêsse *magazine*.

O autor, americano, afirma-nos que não há crueldade em manter cativos animais ferozes. As aves, de cujo cativeiro nos condoemos, têm vida mais longa do que se gozassem da liberdade: se as gaiolas fôssem de maiores dimensões do que o usual, poderiam quebrar os delgados ossinhos das suas asas contra as grades da prisão.

A raposa, que não pode exercitar-se nas suas costumadas correrias, por falta de espaço, não é para lamentar, porque essas correrias são provocadas pela fome ou para fugir ao perigo do caçador. Longe da fome e do perigo, a sua atitude preferida é a do repouso, na sua toca, donde usualmente não se desvia.

Os elefantes preferem o cativeiro que lhes garante a vida sem perigos, tal é o receio dos perigos que, em liberdade, podem levantar-se no seu caminho. Quando não estão presos a uma corrente, passam a noite, muitas vezes, agitando a tromba continuadamente e morosamente. A preferência pela corrente é tão marcada que os cornacas da Índia, para tranquilidade dos seus elefantes fabricam para a noite, correntes de palha com que simulam prendê-los, e esta prudente medida dá aos animais a sensação de que nem o seu alimento nem o seu leito, de que é muito cioso, será comido ou escangalhado pelo elefante visinho.

E' certo que em alguns «zoos» os animais não são tratados com todos os cuidados, por falta de meios ou de outras circunstâncias, e muitos países há em que as autoridades não autorizam o estabelecimento de um jardim sem que se prove, que existem os meios suficientes para a alimentação conveniente dos animais, além de que os jardins estão sempre sujeitos à fiscalisação do Estado.

Nos jardins zoológicos das grandes cidades, com grandes rendimentos próprios, os animais são sempre muito bem alimentados e tratados com tôda a limpeza e higiene.

No jardim zoológico de Chicago, a habitação do leão está disposta de forma que o ar fresco pode ser renovado todos os 4 minutos.

As plantas tropicais que se cultivam perto das janelas não servem só de elemento decorativo, servem também para regular a humidade do ar, e há «zoos» que possuem humificadores elétricos. Os grotescos e engraçados pingüins, cuja penugem é de um maravilhoso desenho, exigem em Nova-York, 100 kilos de gêlo por dia, para os prover de uma fresca atmosfera durante o verão.

Um hipopótamo com a sua cria necessita de um grande recipiente cheio de água porque é debaixo de água — para maior segurança — que êle dá à luz (ou à água, como se queira), o seu bébé que vem à superfície para respirar e volta ao fundo para chupar o leite da mãe.

Alguns jardins possuem uma secção especial onde os animais se conservam de quarentena em pequenas jaulas antes de tomarem posse das moradias definitivas. Ao termo de uma longa viagem por mar, o animal está nervoso e os seus ossos perderam em resistência; enclausurados em grandes gaiolas poderiam atirar-se com grande impulso contra as grades e a violência do choque poderia partir-lhes as pernas ou a coluna vertebral.

Para o bom desenvolvimento de chimpanzés adolescentes, introduz-se nas gaiolas, por meio de bombas, o oxigénio bastante para conservar puro o ar necessário aos seus pulmões.

No «zoo» de Munich, que possue a mais afamada colecção de primatas, colocam-se cortinas sôbre as suas gaiolas, afim de lhes garantir as doze horas de sôno a que estão habituados na selva escura. Cada macaco tem o seu cobertor privativo em que se embrulha de noite, e que tôdas as semanas vai à lavadeira. Para combater a piorreia, vulgar entre a macacaria, lavam-se-lhe os dentes todos os dias. Alguns «zoos» substituem essas lavagens por vitaminas concentradas.

Os macacos exigem especiais cuidados; alguns atingem um perigoso estado de irrequietação nervosa, em conseqüência da tirania exercida por macacos mais poderosos que lhes roubam a comida ou se apoderam dos tomates, que são para êles um grande acepipe, e deixam as batatas para aqueles.

Nesta altura, torna-se indispensável a intervenção do tratador. Os jardins zoológicos e botânicos eram, em tempos antigos, especialmente mantidos e apreciados pelos principes do oriente e, mais tarde, passou êsse costume para os soberanos da Europa.

Dêsses jardins, o mais antigo de que há memória, encontrava-se na China, 2.000 antes de Cristo. Tinha por nome «Jardim da Inteligência», e o seu fim principal era a investigação científica.

Hoje só há dois «zoos» poderosamente ricos devido a heranças com que têm sido contemplados: são o de Londres e o de Nova York.

Em geral, os jardins lutam contra uma má situação económica, mas, muitas vezes, a imaginação pode suprir o que falta em finanças. Baloiços, barras fixas e árvores para divertir os macacos não são objectos muito dispendiosos.

O nosso Jardim Zoológico de Lisboa, neste sentido, leva a palma a muitos dos seus congéneres. Na sua «Aldeia dos macacos», os animais vivem felizes e alegres e constituem um espectáculo que provoca a gargalhada de crianças, e adultos.

Em alguns jardins, no espaço reservado aos elefantes, há umas grandes

pranchas rugosas, contra as quais o animal pode roçar-se para o aliviar do prurido, que muitas vezes o ataca.

Um pouco de mato no recinto habitado pelas raposas, também não custa caro, e elas gostam de se roçar contra o mato. A's vezes dá-se ao animal exposto, um companheiro para seu divertimento: assim se junta um cão «fox-terrier» ao elefante; uma cabra ao rinoceronte.

No jardim de Londres há uma porção de terreno baldio, à disposição dos lobos, onde existem várias espécies de mesas constituídas por pedras soltas e mato, porque os lobos gostam de cavar tocas na terra ao abrigo de pedras ou outros acidentes do terreno que possam disfarçar a entrada para a toca, onde a fêmea irá dar à luz as suas crias.

O grande princípio, que deu lugar a uma profunda modificação na forma de expôr os animais, consiste em expô-los não através das fortes grades da prisão, mas sim numa aparente liberdade defendida por fossos invisíveis para o visitante.

No nosso Jardim Zoológico de Lisboa já êsse princípio está adoptado, há alguns anos, para os belos exemplares dos leões e dos ursos que possuímos.

Foi Carlos Hagenbeck, fundador do grande Jardim Zoológico de Hamburgo, quem primeiro adoptou esse princípio, há 50 anos. Esta modificação na forma de expôr os animais foi causa de grandes surprezas e sustos: o público não compreendeu, à primeira vista, a forma pela qual estava preso o animal e fugia espavorido ao contemplar um poderoso leão caminhando direito a êle, como se o viera atacar, de cabeça erguida, como já certo da presa. Entre o público e o leão há um fôsso de, aproximadamente, 6 1/2 metros de largo, meio repleto de água, e os leões não atravessam a água. Para os macacos e cabras montezes constroem-se altas montanhas; o cabrito montez, ao pôr do sol, sobe ao mais alto píncaro para contemplar o astro até ao seu derradeiro adeus, e despedir-se dêle. Para os elefantes reservam-se espaçosos círculos de terreno circundados por uma larga facha crivada de pontas de ferro, sôbre as quais o animal não pode assentar as suas patas nem, portanto, sair do terreno.

Os leões que vieram à luz em cativeiro são mais belos e saudáveis e teem mais longa vida do que os nascidos na floresta. Avantajam-se em tamanho e côr porque são alimentados em melhores condições; a côr não perde o seu brilho exposta ao sol tropical e a juba é mais abundante porque não é cardada pelas plantas espinhosas do mato. O leão em liberdade ràramente vai além dos dez anos de idade, no cativeiro pode viver até aos 25 ou 30.

Há jardins que têm as paredes das jaulas pintadas de forma a imitar as païsagens dos *habitats* do animal enclausurado, para dar a êste uma ilusão da pátria distante.

Há estudiosos que passam horas e dias no estudo da alimentação, que mais convém aos animais; outros estudiosos, levantam-se a altas horas da noite para verificar se a fêmea do urso polar ainda está deitada sôbre a palha que foi disposta para lhe servir de cama e aquecer a cria recem-nascida. Todos os cuidados são poucos com as crias dos ursos polares, que geralmente morrem de pneumonias. Há quem viaje por meio mundo para decidir se os gorilas devem dormir a dentro de portas no inverno, como se pratica em Londres ou ao ar

livre, como se pratica em Nova York. Em Munich dispuzeram-se papagaios em frente dos elefantes para que o seu palrar juntamente com a vegetação tropical que os cerca lhes dêem a ilusão do seu país de origem.

Há «zoos» que conservam as suas portas abertas ao público durante a noite para que o espectador tenha ocasião ocasião de presenciar o vôo dos morcegos-vampiros assim como os hábitos de outros animais, cuja actividade só é despertada pela escuridão da noite.

ADOLFO BENARÚS.

Nicolasito Pertusato, bobo de Felipe IV — por Velásquez

MADRID voltou a movimentar-se... Vida, encanto ainda amortalhados em trapos de ruínas.

Um dos espectáculos que mais nos emocionou foi o deplorável estado em que se encontra a Casa de Velásquez, hoje reduzida a um montão de escombros desoladores. Acompanhava-nos o nosso compatriota, sr. Costa Blanck, residente em Madrid há mais de vinte anos, e um dos mais fervorosos hispanófilos que temos encontrado.

A *Casa de Velásquez* ali estava hirta como uma múmia... Será possível uma ressurreição?

— Êste formoso palácio — elucidou-nos o sr. Blanck — foi mandado construir pelo Govêrno francês. Do seu tipo arquitectónico barroco medieval espanhol nada resta já, como vê... E' triste, em boa verdade... Ruínas, luto, desolação... E como isto foi belo!... O govêrno francês gastou nesta obra mais de sessenta milhões de francos, aproveitando estes terrenos cedidos gentilmente pelo rei Afonso XIII... O melhor sítio da Cidade Universitária da Monclôa...

— E qual era o objectivo do Govêrno francês?

— Um objectivo idêntico ao da *Vila de Médicis*, em Roma, isto é, dar albergue a jovens artistas franceses: pintores, escultores, arquitetos e gravadores que desejassem recolher, "in loco", para as suas carreiras futuras, a inspiração dos grandes mestres espanhois.

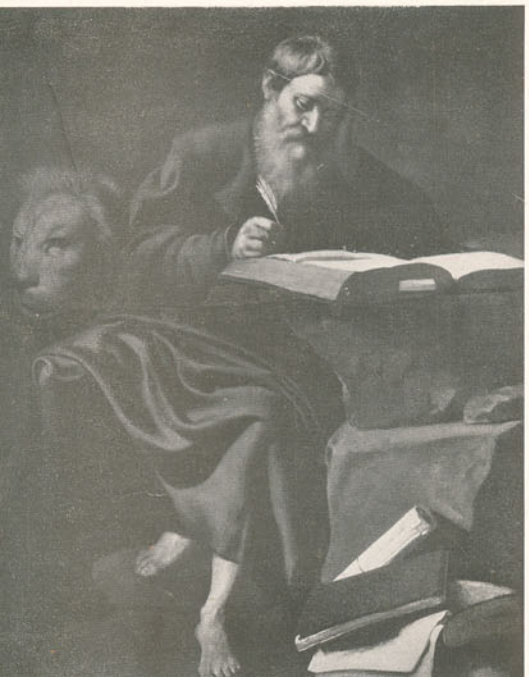
— Magnífica ideia! Esplêndido exemplo!

— Terminada a construção dêste formoso palácio — salientou o sr. Blanck com um suspiro — chegou de Paris o luxuoso mobiliário que devia decorar os seus espaçosos salões de honra e de recepção. Mas ninguem tinha pensado ainda nas paredes que nada tinham a guarnecê-las, não obstante tratar-se da *Casa de Velásquez*... Nem um quadro! Foi então que me decidi a salvar esta crítica situação, oferecendo aos directores da *Casa de Velásquez* o depósito temporário da maior e mais importante parte da minha colecção de quadros antigos espanhois, entre os quais oito do imortal pintor das "Lanças" e de "Las Meninas".

— Belo gesto!

— E desinteressado! E' que eu tive sempre o maior culto por êsse artista genial que se chamou Diogo Rodrigues da Silva, e era filho dum português e duma senhora da família dos Velásquez, de Sevilha. Hoje é conhecido apenas pelo apelido de sua mãe!... Enfim... é mais um português que a Arte espanhola nos empolga... Com Sanches Coelho sucedeu o mesmo... Acabou-se... Tenho o meu culto por Velásquez, e daí o meu empréstimo.

— Emprestar oito telas de Velásquez é generosidade rara...



S. Marcos escrevendo o Evangelho — por Velásquez

A "Casa de Velásquez" em Madrid

As preciosidades artísticas que se guardam nas suas caves

O estado em que u[illegible] «Casa de Velásquez» [illegible]

O sr. Costa Blanck [illegible] dias da revolução em Madrid, [illegible] cães favoritos

— Emprestei mais. Além dos meus oito quadros de Velásquez, depositei ali mais de vinte devidos ao pincel de grandes mestres espanhois como Ribera, El Greco, Murillo, Goya, Fortuny, etc. Fiz quanto estava ao meu alcance...

— Mas — interrompemos nós — a avaliar por essas paredes calcinadas, todo êsse tesouro artístico se desfez na fúria dos bombardeamentos da maldita guerra civil.

— Não. Quanto a isso, estou plenamente sossegado, visto que todos os meus quadros se encontram guardados, desde que a guerra civil rebentou, nas fortes caves da *Casa de Velásquez*, juntamente com o mobiliário. As autoridades consulares francesas tiveram êsse cuidado.

— E quando se procede á exumação?

— Está anunciada para muito breve a chegada dos directores da *Casa de Velásquez*, srs. Dumas e Legendre, a Madrid, sendo de esperar que nessa altura se proceda ao desentulho das entradas dos subterrâneos, com a assistência do nosso ilustre embaixador sr. dr. Pedro Teotónio Pereira.

— Se o sr. Blanck regressa a Lisboa — perguntamos — que destino tenciona dar à sua preciosa colecção?

— Irá comigo. Se ela me pertence legitimamente... E, já agora, devo dizer-lhe que me agradaria colocar os meus quadros em depósito no Paço de Sintra, por exemplo, se me fôsse concedida a reforma dêsse magnífico palácio em que se amontôa um mobiliário heterogéneo indigno de figurar ali. Nada peço para mim. O meu desejo visa apenas o interêsse dêsse formoso monumento... Ou então a criação duma sala especial, onde o Govêrno entendesse, para a comemoração do Duplo Centenário.

— Já fez alguma proposta nesse sentido?

— Não. Tive sempre horror às forcas caudinas e, hoje em dia, os samnitas das artes chegam a ser mais caprichosos, exigentes e vãos que êsses que empurraram as legiões romanas. E' possível que me dirija, mas a quem manda, sem intermediários bolorentos, tomando o sábio conselho que o nosso povo tem sempre presente: "Mais vale pedir a Deus que aos santos".

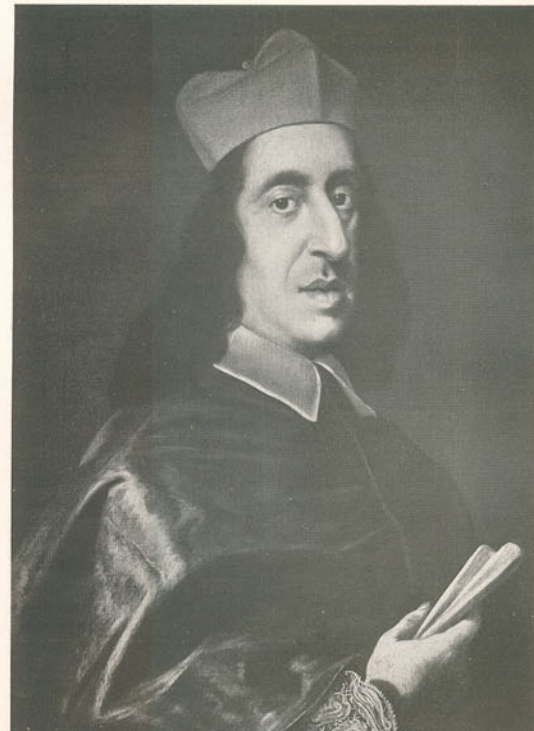
Como se vê, o sr. Costa Blanck, tem a alma tão cheia de generosidade como de fé.

Como amigo que sempre foi da fidalga Espanha, anseia pelo seu engrandecimento, e está convencido de que, dentro em breve, ela renascerá mais bela que nunca, orgulhosa das suas mais gloriosas tradições que são quási tão antigas como o Mundo.

SERGIO DE MONTEMOR.

O Conde Duque de Olivares (1628) — por Velásquez

O Cardial Infante D. Fernando, irmão de Felipe IV — por Velásquez



POBRE ZÉ DAS ILUSÕES!

A Zé vivia enfim o seu lindo sonho, feito de maravilha e ambição, tecido com risos e luxos, feito de beleza e elegância, longe, muito longe daquela casinha humilde onde a mãe não deixará nunca de ser a modestíssima doméstica cuja simpleza a arrepiava, e o pai, o marceneiro honrado cujos vinte escudos diários escasseavam para quanto a pequena desejava.

Na verdade a Zé, não se podia explicar como, brotára, linda como a quimera mais linda, das feições rudes dos pais, delgadinha e gentil como desconhecido mistério encarnado.

E, de vê-la tão linda, tão gràcil, pai e mãe a haviam estragado com mimos, dando-lhe — á custa de quantos sacrifícios! — educação primorosa que a igualava a muitas meninas ricas. Mas, um dia — ia Zé nos dezassete anos — o pai adoeceu gravemente e não mais pôde voltar ao trabalho. A mãe teve de andar a dias, de casa em casa e a Zé cortada ao meio a carreira musical, perdidos cinco anos no Conservatório, viu fugir de casa o precioso piano, e foi obrigada a dedicar-se a coisa mais prática do que os trinados auspiciosos da sua gargantazinha juvenil.

Empregou-se num "atelier" de modista afamada, como costureira, a ganhar três escudos diários, a estragar os deditos róseos nas picadas das agulhas e os nervos na tensão do mal estar que a atormentava.

Levantava-se às sete horas, descia debaixo do sol ou da chuva, a pé, desde a casa, em Campolide, até ao emprêgo, na Baixa, pegava no trabalho às oito... e, durante horas, doloria o busto airoso na posição forçada da sua nova grilheta.

Ás vezes, olhava-se ao espelho, admirava narcisamente os cabêlos loiros e ondulados, os olhos garços, cariciosos, a brancura da pele, a delicadeza da boca apetitosa, e olhava-se mais bonita que essas freguêsas mal jeitosas, cujos vestidos tanto esfôrço lhe custavam.

E, então, era profundamente infeliz. Entrava em casa taciturna, calada, tinha maus modos para com os pais e, na solidão da sua caminha estreita, chorava lágrimas amargas, pesarosa por não ser rica...

As companheiras de trabalho que nunca a viram sorrir, nem lhe ouviram uma palavra, tão sorumbática se tornara, não gostavam dela.

Julgavam-na tola... e bonita demais, era forçoso confessá-lo!

E a pobre Zé sofria!...

Desde então, no fundo da sua alma estranhamente sequiosa, sonhava... sonhava sempre, e no sonho vivia quando à tarde saía do estabelecimento, e subia o Chiado, sentindo-se, por vezes, mais admirada na singeleza da sua boina preta, que muitas meninas de plumas na cabeça. E ouvia frases, frases que lhe pareciam preitos duma homenagem devida à sua pessoínha graciosa.

Houve um caixeirinho que pretendeu namorá-la. Mas a Zé, num sonho louco, não o quis... e ia seguindo àvante, no seu caminho incerto, à tarde, subindo o Chiado, os grandes olhos vagamente nos rapazes mais belos e mais distintos.

— Se algum dêles a quisesse!...

Um dia o coração bateu-lhe no peito, alvoroçado. Parecêra-lhe que um rapaz moreno, de gabardine azul e chapéu preto lhe sorrira na sombra duma porta de café.

— Era tão belo!

E pôs-se a divagar. Talvez êle fôsse doutor... ou fidalgo... ou príncipe...

E, de turbilhão em turbilhão, a Zé via-se já vestida com sêdas e arminhos, coroada, sentada nos degraus dum trôno...

Pobre Zé das ilusões!

Quando, trémula e anciosa, olhou para trás, verificou, desafrontada, que *êle* a não seguira.

Então, reconsiderou.

Pois se ela ia tão miserável, com aquêle casaquinho coçado pelo uso, a boina ruça, os cabêlos desfrisados... Como lhe podia *êle* querêr?.

Pobre tontinha, que desconhecia o poder do amor, êsse poder maravilhoso que vai adivinhar a beleza... até quando ela não existe!

E ela era tão graciosa na singeleza dos vestidinhos modestos!

A Zé entrou em casa desolada, nervosíssima, teve uma crise de chôro, adormeceu exausta de tanto soluçar, debaixo do olhar magoado da mãe, desorientada... compreendendo talvez, e tardiamente, o êrro cometido outrora...

Mas, na tarde seguinte, quando a Zé, julgando vêr um escárneo aos seus "andrajos" em todos os olhares, levava o costumado trilho, tímida, procurando fazer-se pequenina no meio dessa multidão elegante, alguém a seguiu de perto, alguém lhe murmurou ao ouvido:

— É tão bonita!

A Zé estremeceu, palpitante, e encarou ruborizada êsse alguém...

Sim... era bem o rapaz da véspera, com o mesmo olhar penetrante, o mesmo sorriso cálido.

— Era tão belo!

Fitando-o, pôde vêr, que êle não era já um rapaz... Junto dos temporais, os cabêlos tinham fios brancos...

— Um homem! Um homem! — pensava Zé, estonteada pelo que já considerava um triunfo.

E não protestou quando êle, metendo o braço no dela, lhe pediu que o acompanhasse.

Acedeu, acedeu loucamente, deliciosamente, irreprimivelmente, nos píncaros da sua ilusão desvairada.

Pobre Zé das ilusões, para que abismo caminhavas!

* * *

E o romance começou...

Zé não se enganara.

Ele era médico, era doutor, e dizia que a amava muito.

Esperava-a à porta do «atelier», levava-a a passear num automóvel de luxo, guiado por êle próprio, oferecia-lhe vestidos lindos, chapéus caros, jóias...

Zé, em casa, inventava uma história complicada, de certa senhora muito generosa que gostava de repartir sua riqueza com as raparigas pobres.

Os pais, coitados, acreditavam... e a Zé, afundava-se.

No trabalho, o seu orgulho crescera na certeza da sua superioridade junto das colegas maneirinhas de ambições, que só falavam de caixeiros e de operários...

Ela... namorava um doutor! Era igual a essas senhoras finas que vinham mandar fazer lindos vestidos, igual às fidalguinhas altivas que a olhavam com certa supremacia.

E sentia vontade de gritar a tôdas a sua imensa ventura! Ficava-se então parada largo tempo, a cismar...

A modista repreendia-a, ela apertava os lábios para não responder... para não destruir as suas quiméras de oiro.

O mundo, o mundo que adorava, era cá fóra, todo cá fóra, quando ao sair do emprego encontrava abertos dois braços carinhosos:

— Meu amor!

O romance, côr-de-rosa, delicado, perturbador, avançava...

Dia a dia, o destino ia voltando as folhas deliciosas do livro da sua vida...

A Zé, finalmente, uma coisa principiava a fazer confusão.

Era aquela persistência do «seu amor» em não falar no casamento, evitando mesmo que ela abordasse tal assunto. Sorria, evasivo, encolhia os ombros, beijava-a... e dizia-lhe que estavam bem assim.

Um dia, a Zé assustou-se, assustou-se deveras. Confidenciou-lhe ao ouvido que ia ser mãe, palpitante e ruborizada, pediu-lhe que a desposasse, e êle teve uma explosão de mau-humor, como ela nunca lhe vira.

Desde essa hora, debalde esperou à saída do emprêgo. Não voltou mais.

E a Zé, a pobre Zé das ilusões, rolava do alto da montanha que subira loucamente, perdidamente.

Em casa, não pôde mais ocultar a sua desventura e as lágrimas da mãe, e os sinistros queixumes do pai eram espadas de remorso revolvendo-lhe a chaga do terror, terror de se ver abandonada!

Mas, lá no fundo, no fundo da sua alma enternecida, ainda raiava uma esperança:

— Êle havia de regressar... — amava-a tanto... Pobre Zé das ilusões!

Ai! Ele não voltou, não, nunca mais, nunca mais...

A modista despediu-a, censurando-a diante das colegas que a olhavam à sucapa, e debalde, para se explicar, para se desculpar, ela lhe gritou que o pai do seu filho era um doutor!...

A porta fechou-se por detrás dela, lançando-a na ruína...

A Zé pensou que era preferível morrer!

Mas de repente, uma alegria imensa a invadiu.

Sim! Era êle, *êle*! — que vinha caminhando para ela... Trazia ao lado uma linda mulher, era verdade mas que importava isso? Era êle!

Ia estender-lhes os braços, gritar-lhe o nome, mas o seu doutor encarou-a, friamente, indiferentemente, voltou os olhos com desprêso, e seguiu o seu caminho sorrindo para a linda mulher que o acompanhava.

Então uma companheira que saíra ao lado dela, apiedada, murmurou-lhe ao ouvido:

— Nós sabíamos... Não to dissemos porque receámos que não nos acreditasses. Ele é casado.

A Zé viu os prédios rodopiarem num bailado infernal, viu o ceu abrir-se em labaredas medonhas, viu os homens tomarem a forma de demónios, viu um buraco negro imenso, abrir-se na frente dêle, e soltou um grande grito.

Caíu sem sentidos.

Pobre Zé das ilusões!

* * *

Os anos passaram.

Zé não era má, não era perversa, era romanesca, tinha falsas noções duma vida falsa, errada concepção de felicidade... Sofrera rude lição.

Mas a sua alma permanecêra casta e pura como dantes.

Aquela ruím camada de vaidades e garridas aspirações desfêz-se em lágrimas, e a recordação perdeu-se no arrependimento...

Um bom rapaz, o "caixeirinho" que ela desdenhara, coração honesto que a superioridade não manchara, deu-lhe o nome, deu um nome à criancinha sem pai.

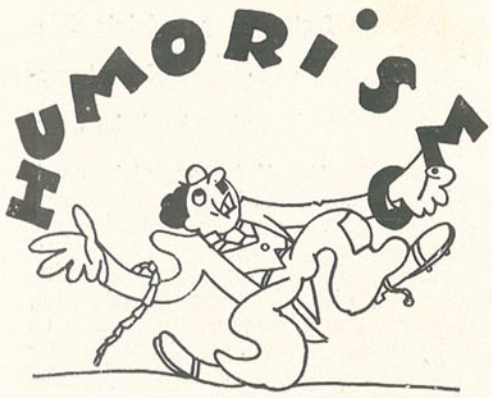
— Amava-a!

E a Zé, trilhando o caminho singelo de «doméstica», como a mãe conheceu a ventura.

A ternura do marido, o amor de quási meia dúzia de bébés e o sossêgo adorável do seu lar.

O resto... — fumo negro que se desfez no azul dum céu sem nuvens.

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE.



Um indivíduo afirmava aos quatro ventos que todos os animais conversavam como se fôssem pessoas, e que êle os entendia.

E contou o seguinte facto:

— Outro dia, encontrei no meio da estrada um bando de galinhas conversando animadamente. Não havia galo entre elas, e por isso, a conversa era um pouco mais livre... Nisto, sente-se o rumor dum automóvel que se aproxima. Daí a instantes, surge na curva da estrada um dêsses carros pequeninos, um dêsses automóveis que para aí se chamam vulgarmente "cadeiras a fogo».

Dado o sinal de "salve-se quem puder», o bando galináceo trata de fugir para lugar seguro. Uma franga, porém, airosa e roliça, destas que começam a olhar para a sombra, — atrapalha-se, desorienta-se e hesita. O automóvel, largado, passa por cima dela. E quando as suas companheiras, cheias de aflição, a supunham esquartejada, vêem-na, com verdadeira surprêsa, no meio da estrada, a espanejar-se de contente.

— Que aflição a nossa! — diz uma das galinhas mais velhas — calculámos que o automóvel te tivesse atropelado!

Com ar ingénuo e feliz, a franga exclama:

— ¿Então aquilo era um automóvel? Pois eu supunha que fôsse um galo...

— Reparaste naquele malcreado do condutor do eléctrico? Fartou-se de olhar para ti, umas poucas de vezes, como se não tivesses pago o bilhete!...

— Pois sim, mas não sei se viste que eu me fartei de olhar para êle como se realmente o tivesse pago!

— Não me digas que os anúncios não se leem! Quando eu tive uma ourivesaria no Poço do Borratem, puz um anúncio a pedir um guarda de noite... Pois nessa mesma noite foram os gatunos roubar-me a loja!

Um pobre homem procura o seu médico, e diz-lhe entre lágrimas:

— Ah! senhor doutor!... A minha desventurada mulher morreu!

— Mas, ao menos, tomou ela o remédio que lhe receitei?

— Todos ss dias, conforme as suas ordens!

— ¿E durante quantos dias?

— Durante 15 dias seguidos, até morrer.

— Mas você é uma bêsta! ¿Eu não lhe tinha dito, que ela deveria tomá-lo durante o mês inteiro?

Uma senhora ralha com a sua cozinheira:

— Oiça, Francelina, isto não pode ser! Todos os dias meu marido se queixa de que a sôpa não presta; de que o assado é uma porcaria; de que os molhos da comida são uma aguada. Ora isto assim não pode continuar!

— Concordo com a senhora. No seu lugar, eu já me teria divorciado de um marido tão exigente...

Entre filatelistas amadores:

Vou mostrar-te uma verdadeira preciosidade da minha colecção.

— ¿Um sêlo raro?

— Raríssimo! Valeria para cima de 100 contos, se não fôsse falso!

— Pai, o que é uma sociedade anónima?

— Não sei, filho. Mas uma sociedade anónima deve ser a que só tem por fim escrever cartas sem assinatura.

Conta-se que um famigerado forçado francês, tendo-se evadido da Guiana, voltou a Paris, onde pouco tempo depois se casou. Sendo capturado, teve de voltar para a grilheta. Nessa altura um dos magistrados que lhe confirmou a pena, permitiu-se dar-lhe alguns conselhos.

— E, sobretudo, vê lá se passas a ter mais juizo...

— Esteja descansado. — respondeu o presidiário — Agora que me casei, já não tenho mais asneiras a fazer.

— Meu caro amigo, vejo no seu livro que fala de certos momentos de fraqueza que deixam um "doloroso vácuo»...

— Sim, e então?

— O amigo já viu alguma coisa vasia que pudesse doer?

— Então o amigo nunca teve dores de cabeça?

Dois velhos amigos, após dez anos de separação, encontram-se na rua.

— O' meu caro! Como tu estás careca!

— É bem verdade, infelizmente. Todavia tenho ainda assim mais cabelos do que tu.

— Não pode ser!

— Juro que é verdade!

— Vamos então contá-los!

Um missionário foi feito prisioneiro por uma tribu de antropófagos. Levado à presença do régulo, tentou convencê-lo dos seus direitos de homem livre.

— És meu prisioneiro — respondeu o régulo — e posso fazer de ti o que quiser.

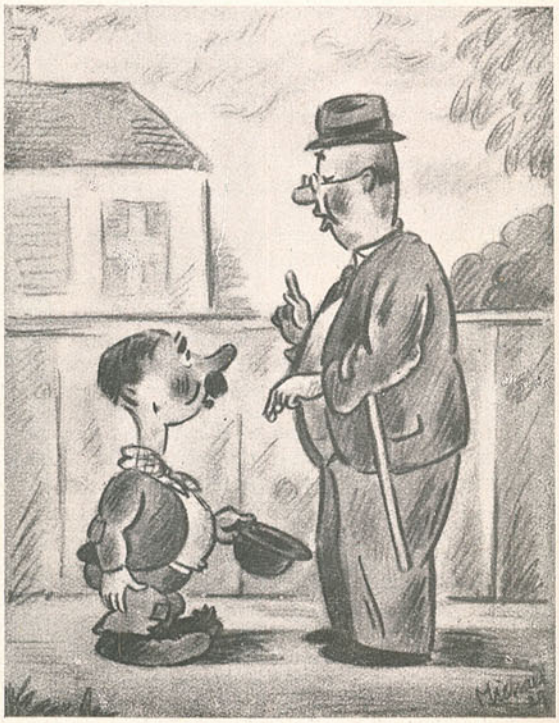
— Podes então dizer-me qual o lugar que me destinas?

— O lugar que te destino é no meu estômago... deve ser a seguir ao peixe.

— As mulheres podem ser deputadas, mas senadoras, isso não!

— Porquê?

— Olha lá! Qual é a mulher capaz de declarar em público que tem mais de quarenta anos?



O que faz ser míope...

— Eu vinha pedir a V. Ex.ª um pequeno donativo...

— Está bem, homem, está bem! Mas o que eu não percebo, é que seja preciso alguem pôr-se de joelhos, para fazer um pedido dêsses!...

(Da «Illustrierte Zeitung»).

CONTOS E HISTÓRIAS

Como nos velhos contos de fadas e nas histórias das mil e uma noites, esses contos com que foi enganado o velho e cruel sultão, é uma história que lhes vou contar, a história de quatro meninas e um rapazinho, que conheceram tôdas as surprezas que as fadas dão aos seus afilhados e que choram neste momento a desilusão, que a vida ás vezes não poupa aos que parecem eleitos da sorte.

Essas histórias vêm-nos em geral do Oriente e esta está ligada a um país da Europa, que não muito longe está do Oriente, que sonhamos como ambiente de contos e histórias.

A Albânia é um país montanhoso, o seu povo áspero e guerreiro, a sua política sempre agitada, tão incerta que o seu trono vago inspirava pouca confiança nos príncipes a quem era oferecido.

Foi numa cidade dessa Albânia inquieta e agitada que começa a nossa história e começa como tôdas.

Era uma vez uma família abastada que vivia na alegria e no bem estar. Essa família compunha-se de pai, mãi, quatro lindas meninas e um rapazinho irrequieto e buliçoso.

O pai trabalhador incansável vivia no enlevo dessas crianças, e a mãi oriental sonhadora temia a beleza das meninas, o fogo que devorava o rapazinho. Ela que aspirava à paz tranqüila dum viver sossegado, via desenvolver em beleza e coquetismo as lindas rapariguinhas, e sentia na energia do fogoso rapazinho elementos para o seu sossego ser abalado e a sua tranqüilidade aniquilada.

Nas brincadeiras e folguedos das travêssas crianças, que enchiam a casa com os seus risos e a sua alegria ela sentia perpassar um sôpro de ambição que a deixava aterrada.

O rapazinho e as meninas brincavam sempre revestindo-se de tecidos brilhantes elas, de uniformes êle e a palavra rei e princesas, ecoavam em todos os seus folguedos e a formosa albanesa abanava a cabeça e pensava, como eles pela vida adiante perderiam essas ilusões.

Ela tinha outros sonhos mais modestos mas onde a felicidade seria sólida. Para êle uma carreira segura onde pudesse aumentar a sua fortuna, para elas casamentos felizes e vê-las como ela rodeadas de formosas crianças.

Os anos foram passando cresceram as buliçosas crianças e aumentaram os cuidados da inquieta mãi.

Inteligente e ávido de saber o rapaz seguia brilhantemente os seus estudos, as pequenas desabrochavam como os botões de rosa em brilhantes mulherzinhas, que com a sua beleza e fina elegância em tôda a parte se faziam notar.

E seguiram-se os anos veio a guerra as convulsões seguiram-se no país inquieto e o ardente rapazinho começou a interessar-se pela política e a evidenciar um fogoso talento que a ambição espicaçava.

Em breve conseguiu uma posição de evidência entre os patriotas, que se agitavam, a sua energia, a sua cultura, a sua fôrça de vontade e ardente patriotismo, impunham-no á admiração dos seus conterrâneos e a sua situação política, afirmava — de cada vez mais poderosa. Numa das convulsões que agitou o país, impôz-se como chefe e aos vinte e cinco anos era presidente da República Albanesa.

Zogu Almud tornou-se o homem do dia e em bem pouco tempo com o auxilio da Itália era feito rei do seu país.

Começava o conto de fadas, para as quatro lindas raparigas, que cada vez mais belas, duma elegancia estatuária, começaram a viver essa vida que na infancia sonhavam e que fazia o susto da sua mãi. O instinto maternal faz vêr longe o coração das mães. Viagens a toda a parte, «toilettes» elegantissimas e luxuosas. Uma vida de prazer e alegria, foi a das quatro senhoras, reunidas em toda a parte como as princesas da Casa da Albânia.

As mais ricas joias tornavam mais cintilantes o seu encanto. Ruhié inteligente e bela, em toda a parte cativava.

Senijé duma flexivel elegância, com a sua tez de neve, os seus negros cabelos, os seus olhos de oriental, conquistava o mundo civilizado.

Myzehen duma beleza grega com a ciência das atitudes, dava a nota onde aparecia e Maxhidé com o seu ingénuo sorriso, marcava na sociedade elegante da Europa.

Em Paris, onde Senijé vivia, casada com o principe Abid, filho do Sultão Abdul e naturalizado Albanês, embaixador da Albânia em França; as princesas eram notadas pela sua elegância, que não só o «chic» marcava, mas que as suas belas figuras completavam.

Em Viena na elegantissima cidade, ao vêr chegar as quatro elegantes princesas, foi declarado, que elas nada tinham que aprender em matéria de elegância; as quatro princesas albanesas tinham inato o gôsto do belo e do perfeito.

Em Londres admiràvelmente recebidas elas tornaram-se conhecidas e muitas vezes eram vistas a cavalo em Hyde Park, no Rotten Row. Esbeltas e cavaleiras exímias a graça da sua maneira de ser atraía todos os olhares.

O conto de fadas continuava, Ruhié, Maxhidé e Myzehen foram á América, foi um triunfo a sua estada ali, o prestígio do seu título de princesas ajudou naquele país da democracia a tornar mais sedutoras as encantadoras princesas, que só pela sua beleza seriam notadas em tôda a parte Senijé em Paris continuava no seu papel de embaixatriz a ser adulada.

Princesa Maxhidé da Albânia

Tratou-se do casamento do rei, falou-se numa princesa italiana, mas á política daquele país não convinha êsse casamento, a Albania seria italiana não por alianças, mas pela violência.

Emfim êle casou com uma princesa Aponiny, filha de «Magyares» quási real pelo seu sangue azul. Os Aponiny são na Hungria com três ou quatro outras famílias quási soberanos e a beleza de Geraldina era um encanto mais na côrte da Albania.

Esperava-se um herdeiro e que sonhos se não faziam em volta dêsse entezinho, que seria o herdeiro dum reino, pequeno, mas que era o seu país em que êle reinaria sôbre homens da sua nacionalidade.

E a joven mãi via-o escrever em seus devaneios e imaginava-o com as qualidades do cavaleiro andante, herdeiro e mais tarde rei da Albania.

Mas os factos espreitavam-nos e no dia seguinte ao nascimento do pequeno ente que seria a sua alegria e a sua esperança, nuvens de aviões italianos voavam sôbre as cidades albanesas e nos seus portos desembarcavam as tropas estrangeiras, que invadiam o país.

A raínha Geraldina enfraquecida e doente fugia para a Grécia onde Zogu a foi encontrar e onde juntos chorarão o triste fim do seu sonho de ambição.

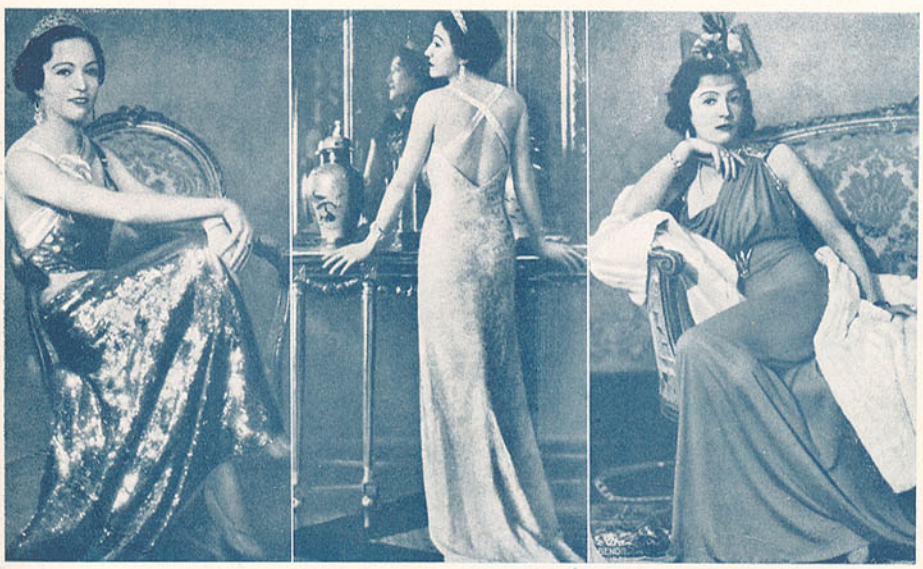
Zogu, o joven e ardente patriota tantas vezes aclamado pelo seu povo como soberano escolhido, era tratado pelas emissoras de ex-bandido, e assim mais uma vez ficou demonstrado como são transitórias as glórias dêste mundo, e, como se desvanecem em fumo as ambições humanas, mesmo aquelas que chegam a realizar-se.

E como é pena que êste conto começado, como os antigos contos das mil e umas noites, como os contos de fadas e todas as histórias Era uma vez.. uma família... Não posso terminar como êsses contos Casaram todos, tiveram muitos filhos e foram muito felizes.

Não o primeiro vagido duma criancinha que como a aurora alegrava o palácio, foi abafado pelo troar dos canhões.

Eram mais felizes os antigos que terminaram bem os seus contos.

MARIA DE EÇA



Princesas Ruhié, Myzehen e Senijé Abid Zogu irmãs do Rei Zogu da Albânia

Um tipo característico: o cobrador de impostos

DESGRAÇA AUSTERA,

Salomão Rabinowitsch ou Scholem-Aleichem

A música do "yddisch" que nos prende, encanta e faz sofrer

INABALÁVEL FÉ...

SALOMÃO Rabinowitsch, ou Scholem-Aleichem, nasceu na cidade de Pereiaslaw, Govêrno de Poltawa, em 1859, e foi secretário comunal, ou Rab Oficial, de 1880 a 1883 nas terras de Loubni. São desta época os seus principais artigos de jornal.

Exactamente no ano de 1883 torna-se colaborador efectivo e activo do jornal "*Juedische Volksblatt*", de Zederbaum, publicando nesta gazeta as primeiras poesias e os primeiros ensaios de sabor popular que o divulgam e acreditam entre os sombrios moradores do "ghetto".

Um tipo de pedinte judeu

Em 1888, em Kiev, cria e publica um anuário, "*Die Juedische Volksbibliottek*". Scholem-Aleichem conhece nesse ano a fortuna, feita à margem da literatura.

São seus colaboradores no anuário: Linetzki, Zweifel, Gottlober, J. L. Gordon, Perez, Frischmann, Levin, Rabnitzki e muitos outros.

No anuário, primeiro número, Rabinowitsch publica seu primeiro romance, "*Stempeniou*", e no volume seguinte, 1889, outro romance, "*Jossele Solovei*". Em 1890 perde tôda a fortuna: transfere-se para Odessa com a família, vive exclusivamente do árduo trabalho literário, colabora febrilmente em tôdas as revistas e jornais "yiddisch".

Volta a Kiev em 1893. Tenta outra vez a fortuna, o mundo dos negócios, mas os pogromos, sucedidos em Kiev em 1905, atiram-no para a miséria absoluta. Nesse ano, desiludido e doente, rola na emigração para os Estados Unidos. Volta à Europa em 1907 e no ano seguinte os seus admiradores festejam o jubileu literário do grande escritor judeu do novecentos.

Narrados a pinceladas largas os principais factos da sua vida, vem a talhe de foice situá-lo entre os maiores escritores do "ghetto" e dar a entender, ainda que ràpidamente, quais as tendências literárias que o caracterizaram e o papel que ocupou entre os escritores, de língua "yiddisch", do seu tempo.

Salomão Rabinowitsch, conhecido em todo o mundo pelo pseudómino de Scholem-Aleichem, é o mais popular de todos os escritores do "ghetto".

Êle arrancou ao "ghetto" tôdas as suas personagens; êle devolveu ao "ghetto", literària e perduràvelmente recortadas para a eternidade as mesmas personagens.

Podiam desaparecer os "ghettos", morrer tôdas as pessoas que nêles habitam, podia o tempo esfarelar tôdas as pedras, abater tôdas as muralhas, vencer ou destruir tôdas as recordações, que a obra literária de Scholem-Aleichem, em tôda a sua acuidade, nos chegaria para soerguer a história do povo, o livro e o povo unidos para sempre.

Tipo saído do "cheder" tradicional, levado por interior tendência a viver, e a consumir os dias entre as paredes húmidas dos "ghettos", tendo herdado dêles tôda a ancestralidade rácica, secretário de comuna ou rabino oficial, Rabinowitsch — à-parte as fugas a que os negócios o obrigaram — dedicou tôda a vida ao estudo das personagens que o rodeavam, sofrendo e vivendo com elas, atingido pelo mesmo ideal e arrastado pelos movimento cíclicos que o destino — ¡fatal destino o do povo de Israel! — empresta e cede e dá ao povo eleito.

Humorista nato, Rabinowitsch conquistou todo o público. Na sua vasta obra, rendilhada de todos os cambiantes, gama completa de atitudes e de almas, todo o habitante do "ghetto" se encontra como em sua casa. O biotropismo da obra de Scholem-Aleichem não tem parceiro entre os escritores do seu tempo. O humorismo dêste escritor não fere: acaricía, patina à superfície das coisas e dos sêres com simplicidade que nos comove e prende, e nos alía á sua própria obra em tôda a extenção e realidade.

¿Quem lhe chamou Mark Twain do "ghetto"? Rabinowitsch é bem o escritor do tipo Mark Twain; simplesmente o seu material humano é mais rico, ainda que privativo e unilateral, com um universo diferente.

¿Qual o laboratório dêste escritor, cuja alma é a alma do próprio povo? O "ghetto". Tôdas as personagens de Rabinowitsch ali vivem emparedadas para sempre. Estão em todos os cantos do "ghetto", como aquele Seidel que recordo neste momento, único traço de ligação entre o mundo e o "ghetto" — o homem que transmitia tôdas as notícias e informava o povo.

O filho dum célebre Rabbi miraculoso da Polónia, herdeiro da tradição e prerrogativas de seus avôs

¿Quem disse? Seidel. ¿Quem contou? Seidel. ¿Quem falou da questão Dreyfus? Seidel. ¿Quem contou ao "ghetto" e lhe descreveu todos os pormenores da guerra anglo-boer? Seidel. ¿E da China, e de Moscou, e da Rússia, da França e do resto da Europa? ¿Quem despertou o apetite das raparigas do "ghetto" e lhes descreveu os prazeres de New York, chamando-lhe o paraíso? ¿Quem foi o responsável? Seidel. ¿E quem era Seidel? O único habitante do "ghetto" que recebia e lia um jornal de Paris, a única janela que o "ghetto" possuía sôbre a Europa, os únicos olhos que auscultavam o ocidente, a alma que se debruçava sôbre a vida, a eterna inquietação de Israel.

Bem certa a frase de Teixeira de Pascoais: os judeus fixam o deserto ou o mundo, a Palestina ou a Diáspora.

Seidel era entre as paredes húmidas do "ghetto" os olhos que fixavam atentamente o mundo profano; todos os outros habitantes, sombras debruçadas sôbre livros, fixavam o deserto, a Palestina, o recorte guerreiro das palmeiras, os laranjais floridos, a vinha de Sião, a visão bíblica e ancestral do lar judaico.

Três rabbis milagrosos, vendo-se o primeiro da esquerda (Rabbi Aschkenazi) que pertence à dinastia Sopher

Para Seidel, uma das personagens mais humanas da vasta obra de Scholem-Aleichem, a vida residia para além das paredes do "ghetto", forradas de miséria e sofrimento, de humilhações e dores de tôda a espécie.

* * *

Scholem-Aleichem foi um extraordinário narrador de historietas infantis, tendo por objecto central, à roda do qual gravitam todos os conflitos e artifícios, "a pequena história de Israel", cheia de lendas e tradições, a história dos dias festivos e pascoais, motivos ternos para a delicada alma das crianças.

Ninguém melhor que Rabinowitsch, o humorista transcendente, o caricaturista dos tipos populares judaicos, tipos que vivem estampados nos nossos olhos e colados na nossa alma, compreendeu, sentiu e viveu, aqui e acolá tocado de uma grande poesia interior, a alma e a vida das crianças, emparedadas nos "ghetto", esmagadas pelo "cheder", diferentes de tôdas as outras, precocemente intelectualizadas.

¡São tão diferentes as crianças dos "ghettos": o trabalho intelectual esmaga-as desde muito novas! ¿Quais as distracções destas crianças? É necessário conhecer a gravidade dêste problema, acordado por tantos outros escritores judeus, para compreender e perdoar determinadas faltas.

Pobres crianças! ¿Que fazem quando ultrapassam as muralhas dos "ghettos"? ¿Brincam como tôdas as crianças, dando livre expanção e curso à alegria natural, ao rumo livre das tendências infantis?

Não. Não! É o rabino que as acompanha, conduz e guia, prende e amarra ao negro lúgubre da sua indumentária. ¿Que lhes ensina êsse rabino, vestido de preto? ¿Desportos ou jogos para crianças? Não. Conta-lhes a história dos quarenta mil discípulos de Rab Akiba, e a do exército de Bar-Kochba; a história grave de Hanouka, ou o significado de Pourim, a única festa alegre que o "ghetto" conhece e improvisa.

¡Triste e inquieta a história das crianças do "ghetto", que Rabinowitsch estampou para sempre nos seus três volumes "*O dinheiro de Hanouka*", "*A Bandeira*" e "*A Casa do Rei Ahasvérus*".

As crianças e os animais: Scholem-Aleichem fêz participar na vida do "ghetto" os animais.

É muito conhecida a história daquele cão que, tendo fugido certa noite do "ghetto", se tornou vádio e desiludido da vida quando pôsto em contacto com os outros cães. Filosofava sòzinho, quando se pilhava no campo, fatigado e exausto, alheio às picadas das moscas: "É bem o fim do mundo. Quando um pobre cão não consegue viver entre os da sua raça, entre os outros cães, nada mais lhe resta na vida. Então, a vida que vá para o diabo"!

* * *

Pode afirmar-se, folheando a obra dêste escritor, que Scholem-Aleichem ensaiou todos os géneros literários, desde a poesia à crítica, desde a novela humorística à fábula, desde o conto rápido, sintético, duas pinceladas sôbre a paisagem e dois traços sôbre a alma das personagens, até ao romance.

Os seus dois romances, "*Stempeniou*" e "*Jossele*" constituem as duas únicas tentativas para a criação fundamental do romance "*Yiddisch*".

Scholem-Aleichem, o filósofo humorista dos tipos populares do "ghetto", foi ao "ghetto" buscar as personagens para os seus romances: os boémios do "ghetto", os músicos e os cantadores, músicos e cantadores que, como os seus irmãos das grandes cidades — há cidades cujos bairros são verdadeiros "ghettos" —, passam os dias e as noites sem reparar nas horas, entregues à volúpia de gastar o tempo, na manifesta impossibilidade de gastar o dinheiro que não possuem.

Stempeniou é um músico de talento, um artista de raro temperamento, uma alma inquieta, geradora de dramas e de sonhos; Jossele é um cantador superficial, sem vontade própria, de carácter mole como o barro e trabalhável como a cêra.

Um vendedor de livros judaicos

Um e outro, o músico e o cantador fácil, de viela, casam com mulheres que não amam, de símbolos primordiais diferentes, criando cada um dêles um drama, o pior drama que pode afligir o homem consciente.

Eu gostaria de descrever um dia — não agora, porque outros problemas me atormentam e distanciam de mim próprio — a rara figura de Stempeniou, o músico de cabelos longos e pretos, olhos cheios de paixão e de fogo.

¿Quem conhece Stempeniou, o músico

A mãe do «ghetto»

Um rabino do «ghetto»

do "ghetto„ ? ¿ Trata-se de um D. João de aldeia, amoroso de tôdas as raparigas que avista no seu caminho, oferecendo a tôdas falsas palavras de amor, fixando-se umas vezes nos olhos azues daquela rapariga loira; mais tarde nos olhos negros de uma outra que o fixou com certa nota de sexualidade que o músico jamais esqueceu, nesta ou naquela, em tôdas as que passaram no "écran„ dos seus olhos eternamente amorosos da vida e do sonho?

¿Seria Stempeniou um leviano amoroso, um verdadeiro D. João, ou o homem de vida psíquica complicada, prenhe de problemas subconscientes, brotando uns após outros, interceptando-se em diferentes planos de clivagem?

Aqui fica, pois, enunciado pasto para mais longas lucubrações intelectuais.

Os tipos femininos dos dois únicos romances de Sholem-Aleichem têm igualmente muito interêsse, são vivos e humaníssimos. Todos os que um dia viveram paredes-meias com o "ghetto„ os conhecem.

Constituem recordações pessoalíssimas que Rabinowitsch arrancou à vida.

¿Seria Scholem-Aleichem um romancista por nascimento? ¿Seria esta a forma que mais conviria à sua mensagem interior? Constituïria o romance a expressão exterior do espaço vital dêste artista? Estou absolutamente convencido do contrário: a dolorosa acuïdade de emoção que caracteriza a vasta obra dêste humanista do "ghetto„, a saüdável e tónica juventude de espírito e de energia construtiva, a rapidez de pensamento e de observação, são incompatíveis com o desenrolar lento da acção, com a análise fria e objectiva da paixão humana.

Scholem-Aleichem não era um païsagista. Seu temperamento era incompatível com a païsagem: "a païsagem é a única coisa que na vida resiste ao ridículo„. Ora, os humoristas do tipo Mark Twain, ou Scholem-Aleichem, odeiam a païsagem porque esta, viva e imutável, lhes escapa das mãos. Foge como o sabão dentro de água.

Rabinowitsch é o pintor de gestos nervosos, dos movimentos rápidos, das visões em série, quási cinematográficas, o pintor das emoções que se entrechocam.

A tranqüilidade amorosíssima da païsagem, o equilíbrio estável que caracteriza tôda a obra de criação eterna, ou criada pelo Eterno, deixavam indeferente êste escritor, saído do "ghetto„ para as ruas de New-York, e de New-York para as ruelas do "ghetto„.

A beleza de uma fôlha que tomba exangue, abandonada como um sonho que não teve realidade; o ritmo tranqüilo de uma fonte, o marulhar das águas de um ribeiro que, através dos séculos, caminha preso ao seu próprio leito, nada lhe diziam ou segredavam.

Os homens, as mulheres, as crianças, os animais, sim, prendiam-no e despertavam nêle o mágico sentido criador.

Sobretudo as mulheres: Ester e Raquel, ambas de coração terno e amoroso, corajosas e profundamente honestas, as duas principais personagens femininas dos dois romances, mereceram a êste escritor tôda a ternura criadora; a elas êle deu o máximo de energia construtiva, a fôrça total da emoção. Elas ficarão, para sempre, retratos exactos da mulher judia, na história da literatura "yiddisch„.

Mestre admirável da língua, êle foi com Perez, Jacob Dienesohn, Spektor, Frug, Morris Rosenfeld, Abramowitsch (Mendel Mocher Sforim), Linetzki, um dos grandes construtores do "yiddisch„. Ninguém como êle conheceu, estudou e profundou as fontes dêste pitoresco idioma popular.

A concisão extraordinária, a graça e a frescura, a nervosidade característica essencial desta língua, falada e escrita por milhões de judeus; a riqueza exclamatória, a verbosidade natural, o contraste exacto entre o amoroso, vago, terno, suave, rendilhado e a expressão nevrótica e dura, devem a Rabinowitsch quási tôdas as suas "nuances„.

Eis a razão principal por que a obra dêste escritor é quási intraduzível; ela vive da riqueza inesgotável do idioma, da língua criada por êle próprio, tecida pelas suas mãos de artista.

Há na literatura portuguesa um caso semelhante: o de Camilo. Sendo êste um dos maiores escritores de Portugal, a sua obra não ultrapassou as fronteiras. Apegada ao solo, ao húmus português, ela vive do aroma da própria língua, impossível de trasladar a outra sem diminuir a beleza interior das suas páginas.

O sabor do estilo é eterno na obra de Scholem-Aleichem. Eterno como as personagens que êle caricaturou.

Muitos ou quási todos os diálogos dêste escritor seriam absurdos quando traduzidos para outra língua, absurdos e insuportáveis. Esta é a prova real de que o "yiddisch„ constitue uma língua individualizada, de um fundo original e rico, variado, estável, com uma gramática própria, com uma literatura que lhe pertence e um vocabulário gamado de todos os tons, com espaço vital definido, digna de ser estudada, cujo tesoiro constitue património da humanidade culta.

Rabinowitsch e Perez, ambos romancistas e cultivadores do "yiddisch„, ambos poetas do «ghetto„, o primeiro humorista do tipo Mark Twain, ou do tipo Charlot, o segundo narrador da tragédia mestral de Israel, emprestaram a esta língua joven, em ebulição, a fôrça criadora, a graça, a beleza interior que tanto a caracteriza, recortando com ela os tipos judaicos mais característicos, o grotêsco e a tragédia do "ghetto„, o sorriso das lágrimas de milhões de judeus que arrastam uma vida miserável, isenta de sol.

Fôram Gardon, Perez, Abramowitsk e Scholem-Aleichem os verdadeiros visadores desta língua, cuja gama de tons, é a que melhor se ajusta à tragédia ancestral do "ghetto„. O "yiddisch„ é a língua dos que se sofrem e emigram; a língua que se escuta e ouve nos bairros pobres de Londres e New-York; a língua dos pogromos e a dos campos áridos da Palestina; a linguador, a língua-tragédia; a língua que melhor traduz a ansiedade do povo escolhido.

* * *

Quis dar, relembrando a vida e obra dêste escritor na vossa presença, uma rápida noção da mensagem interior de Salomão Rabinowitsch. Os meus fracos conhecimentos da língua "yiddisch„ não me permitiam alongar as minhas impressões, colhidas ao acaso numa velha antologia dêste escritor, publicada há muitos anos em Inglaterra.

Auscultei-lhe a emoção, desci com êle, na companhia dos seus olhos-caricaturistas às ruelas dos "ghettos„, vi e conheci as personagens da sua vasta obra, senti o grotesco de umas, a ternura de outras.

Compreendi a nostalgia do ambiente, travei relações com algumas das mulheres que êle amou exaltadamente, senti o crepúsculo, a vida de milhões de sêres que sofrem e se arrastam miseràvelmente.

Ouvi falar "yiddisch„ e encantou-me a nervosidade e a música dessa língua estranha, espécie de balada que a um tempo prende, encanta e nos faz sofrer.

Contemplei com os meus olhos ocidentais, cheios de azul do mar, tôda a tragédia de Israel, o negrume da noite; os lábios das crianças que não sabem e não podem rir; os velhos de olhos macerados pelo estudo e pelas noites de vigília; as mulheres em cujos rostos se adivinham os ecos dos pogromos, os traços da fome e da desventura, tatuagens que jamais desaparecem. Vi tipos que a minha sensibilidade não tinha adivinhado. Tudo vi.

Foi uma noite de pesadelo, uma noite sem fim, de madrugada tão distante. Quando regressei a mim próprio, lembrei-me daquele cão, tão maravilhosamente descrito por Scholem-Aleichem, e repeti mentalmente as palavras de Rabtschik, o cão do "ghetto„. "É bem o fim do mundo. Quando um pobre cão não consegue viver entre os da sua raça, entre os outros cães, nada mais lhe resta na vida. Então, a vida que vá para o diabo!„

AUGUSTO D'ESAGUY.

VIDA ELEGANTE

Casamento da sr.ª D. Benedita Reis Pimentel com o sr. Ernestino Antunes dos Santos (Foto, Cabral)

Casamentos

Na igreja paroquial de Santa Engrácia realizou-se o casamento da sr.ª D Benedita Reis Pimentel, filha da sr.ª D. Adelina da Conceição Reis Pimentel e do sr. Joaquim Alexandre Lobo Pimentel com o sr. Ernestino Antunes dos Santos, filho da sr.ª D. Maria Augusta Antunes dos Santos e do sr. Armando Rocha Santos.

Fôram padrinhos por parte da noiva o sr. dr. Júlio Martins Lobo de Seabra, meretíssimo Juís desembargador, e sua esposa a sr.ª D. Camila Carlota Correia Mendes de Seabra, e por parte do noivo o sr. João Jorge de Mascarenhas e Menezes Alcobia e sua esposa a sr.ª D. Maria Joana Horta e Alcobia.

Serviram de caudatários da noiva os meninos Ilda Lobo Pimentel e Rogério Manuel Carvalho de Almeida.

Findo o copo de água, os noivos partiram para o Estoril.

— Numa capela armada na Legação da Argentina realizou-se o casamento da sr.ª D. Carmen Perez Quesada, gentil filha do ilustre ministro da Argentina em Portugal, sr. D. Edgardo Perez Quesada e da sr.ª D. Celia de Perez Quesada, com o sr. António Luís de Freitas de Lencastre, filho da sr.ª D. Ema Leite Pereira de Foyos e Freitas (Condessa da Louzã) e do sr. D. Luiz de Lencastre (conde da Louzã).

Serviram de padrinhos da noiva, sua mãi e a mãi do noivo e do noivo o pai da noiva e o sr. dr. D. António de Lencastre.

Finda a cerimónia foi servido na sala de refeições da Legação um fino lanche, seguindo depois os noivos para Hespanha a passar a lua de mel.

Na artística corbeille via-se grande número de valiosas prendas.

— Na igreja dos Anjos realizou-se o casamento da sr.ª D. Hilda Amor Perry Vidal com o sr. Mário de Jesus Azevedo.

Foram padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Alice Perry Vidal, mãi da noiva e o sr. General João Pereira Bastos, cunhado da noiva e por parte do noivo a sr. D. Maria Tomásia de Jesus Azevedo Raon Bomba, irmã do noivo e o sr. Francisco Flaviano Raon Bomba, cunhado do noivo.

Finda a cerimónia os noivos seguiram para o Estoril e Algarve, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho, sr. D. Duarte Manuel de Castro e Almeida Pimentel Sequeira e Abreu, foi pedida em casamento, pela sr.ª Condessa de Nova Goa, a sr.ª D. Mariana Rita do Vale e Sousa Meneses Mexia, gentil filha da sr.ª sr. D. Ana do Vale e Sousa de Meneses e do sr. D. João do Vale de Sousa Meneses Mexia, já falecido.

A cerimónia deve realizar-se brevemente na Capela da Casa Vale, na Quinta de Santana da Guerreira.

— Na paroquial igreja de S. Jorge de Arroios realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Manuela Arriaga de Sampaio, gentil filha da sr.ª D. Luísa Maria Freire Sobral e do sr. Carlos de Arriaga de Sampaio, com o sr. Joaquim Monteiro Dias Navarro, filho da sr.ª. D Capitolina Monteiro Dias Navarro e do sr. Manuel Maria Dias Navarro, já falecido.

Serviram de padrinhos por parte da noiva o sr. João Carlos de Arriaga de Sampaio e a sr.ª D. Maria Adelaide Casqueiro de Sampaio de Amaral, e por parte do noivo o sr. João Manuel Pereira e a sr.ª D. Maria Adelina Casqueiro de Sampaio de Amaral.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa da mãi do noivo, aos numerosos convidados.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Na igreja de Nossa Senhora da Lapa, pelo Reverendo Manuel Dias da Costa, abade da Foz do Douro, acolitado pelo rev. Domingos Nogueira, prior da freguesia, foi celebrado o casamento da sr.ª D. Luísa Burridge de Albuquerque Orey, gentilíssima filha da sr.ª D. Lilian Burridge de Orey e do sr. José Diogo de Albuquerque Orey, com o oficial do exército francês, sr. Felix Maurice Marchand, filho da sr.ª D. Cattarine de Vitto Pisciceli Marchand e do sr. George Marchand, ambos já falecidos.

Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Elvira Jára de Albuquerque Orey e D. Julieta Pessoa de Amorim de Orey e de padrinhos os srs. Rui deAlbuquerque Orey e Vasconcelos Albuquerque Orey.

— Na paroquial igreja de Santa Engrácia, realizou-se o casamento da sr.ª D. Júlia da Nazareth Pereira, interessante filha da sr.ª D. Mariana da Nazareth Pereira e do sr. Joaquim Lucas Pereira, já falecido, com o sr António Rapagão, filho da sr.ª D. Maria da Piedade Lopes Rapagão e do sr. João Mateus Rapagão, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Leopoldina Santana de Carvalho e o sr. Joaquim Santana de Carvalho, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria de Lourdes Rangel Batista Mendes e o sr. Manuel Rangel Batista Judice de Abreu.

Finda a cerimónia foi servido um lanche em casa da mãi da noiva, tendo sido oferecidas aos noivos valiosas prendas.

— Realizou-se em Santo Tirso o pedido de casamento do sr dr. António Augusto Pires de Lima e sua espôsa D Maria Andrade Pires de Lima, a sr.ª D. Maria José de Lima Carneiro Pacheco, para o sr. dr. Joaquim Alberto Cunha de Andrade.

A noiva é filha da sr.ª D. Maria Claudina de Abreu de Lima Pacheco e do sr. dr. Mário Faria Pacheco e sobrinha do sr. dr. António Faria Carneiro Pacheco, ministro de Educação Nacional, e o noivo é filho da sr.ª D. Hermínia Cunha de Andrade e do sr. dr. Francisco Coelho de Andrade.

O casamento deve realizar se ainda êste ano.

Baptisados

Celebrou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira o baptisado do menino Rui Manuel, gentil filhinho da sr.ª D. Maria Teresa de Campos Henriques Machado da Cruz e do sr. Rui Machado da Cruz.

Serviram de madrinha, sua avó paterna, sr.ª D. Palmira Machado da Cruz e de padrinho, o avô materno, sr. engenheiro Artur Alberto Meireles de Campos Henriques.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma gentil criança do sexo feminino, a sr.ª Condessa de Mangualde.

Mãi e filha estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Isabel Villardebó Chaves de Brito e Cunha, esposa do sr. dr. Eduardo de Brito e Cunha.

Mãi e filho estão felizmente bem.

— No Porto, onde reside, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Lia Menéres de Castro Campos Oliveira, esposa do sr. dr. Manuel de Oliveira.

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— Deu à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª Alice Amarilis Fraga Lamares Pereira da Silva, esposa do sr. Arnaldo Amadeu Pereira da Silva.

Mai e filha estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D Berta Castelo de Abreu, esposa do sr. engenheiro agronomo, sr. Alvaro Trigo de Abreu.

Mãi e filha estão felismente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Adolfina Pinto Leite Pinto de Freitas, esposa do sr. Manuel de Almeida Pinto de Freitas.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D Aureliana Saraiva Caldeira Ferreira Lopes, espôsa do sr. dr. Manuel Falcão Nunes Garcia.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

Casamento da sr.ª D. Hilda Amor Perry Vidal com o sr. Mário de Jesus Azevedo. Os noivos à saída da igreja

A QUINZENA DESPORTIVA

O grupo dos gimnastas olímpicos do Sporting Clube de Portugal, cujas exibições nos saraus de Alenquer e na sede do seu clube foram notáveis de apuramo e correcção

O campeoato nacionol de futebol, primeira edição do novo molde da prova, terminou como antecipadamente se esperava com a vitória do Futebol Club do Pôrto, o que também tinha que suceder para não ser desmentida a infalível tradição: o nome do campeão do Pôrto figurava já à cabeça da lista dos triunfadores no primitivo campeonato de Portugal e no torneio das Ligas.

A prova dêste ano ficará celebrada nos anais pela invulgar emoção de que se revestiu até final, pois as posições dos clubes concorrentes na última jornada era tal que o encontro Pôrto-Benfica decidia da posse do título; e como o destino tem caprichos da mais extraordinária ironia, decorreram normalmente oitenta e nove minutos dos noventa que o jogo comportava, e surgiu no minuto final um incidente de influência decisiva que deixará para todo o sempre uma sombra de dúvida sôbre a propriedade da vitória do F. C. P. no campeonato.

Não presenciámos o encontro, não podemos portanto formular opinião pessoal, o que é tanto mais difícil a distância quanto acontece que as descripções da jogada variavam sensivelmente nos relatos imediatos de cada espectador consultado. Inclinamo-nos no entanto para que tenha havido êrro de apreciação do árbitro — nunca porém propositada deturpação da verdade — ou se a falta existiu foi tão insignificante que nem a directa vítima dela se apercebeu.

Estes incidentes de jogo, por natureza imprevisível e sujeito a interpretações antagónicas do mesmo facto, são aliás muito mais freqüentes do que parece, porque os interessados só dêles se apercebem quando lhes tocam pela porta. Queixou-se desta vez o Benfica, como há um ano fez o Pôrto acêrca dum jogo que o mesmo árbitro dirigiu nas Amoreiras, e como há dois anos se revoltou o Sporting por causa duma grande penalidade que lhe foi aplicada no encontro final do campeonato.

O desporto como tôdas as formas de actividade dependentes do julgamento dos homens, é fatalmente sujeito a controvérsias, a paixões, à permanente incerteza; mas é talvez isso que lhe assegura o atractivo e a emoção.

★

As festas de gimnástica e divulgação de cultura física estão sendo organizadas com freqüência animadora e encontram felizmente no público o acolhimento interessado que bem demonstra os progressos que êsses assuntos de tão elevado valor educativo teem alcançado na simpatia popular, pela virtude da obra insistente dos técnicos e propagandistas devotados à ideia.

No curto espaço dos quinze dias a que se refere esta nova crónica, realizaram-se sucessivamente, o festival para apresentação das classes do Grupo Desportivo da Imprensa Nacional, a brilhante conferência do professor Celestino Marques Pereira inaugurando o ciclo de iniciativa do Lisboa Ginnásio Club, o sarau de propaganda promovido por "Os Sports» e desempenhado pelos "leões» em Alenquer, e finalmente o serão de gimnástica educativa e aplicada organizado nos salões do Sporting Club de Portugal.

Tôdas estas manifestações tiveram sua feição característica merecedora de realce e o conjunto demonstra com nitidez a importância que as colectividades desportivas concedem no presente à prática da educação física elementar pelos seus associados de tôdas as categorias.

O caso do Grupo Desportivo da Imprensa Nacional é digno do mais simpático acolhimento; pela segunda vez em dois anos de existência, a colectividade apresentou em público as suas classes de gimnàstica para crianças, senhoras e homens, cuja criação constituiu o primeiro cuidado dos seus fundadores, e nenhum outro critério nos parece mais louvável do que êste, testemunho da excelente orientação dos dirigentes do grupo, os quais preferem desenvolver as modalidades culturais de exclusivo benefício para os associados e relegar para plano segundário o desporto de competição, que tantos outros congéneres usam sem discernimento como económico e eficaz agente de propaganda.

O distinto professor Marques Pereira, pronunciando a sua conferência sôbre gimnástica infantil, e a classe do Lisboa Ginnásio Club em seguida apresentada como demonstração das teorias expostas pelo orador

O sarau do G. D. da Imprensa Nacional, decorrendo no cenário magestoso do Pavilhão de Festas do Parque Eduardo VII, foi, sob todos os aspectos, espectáculo brilhante e confortador: assistência numerosa e entusiástica, execução perfeita de tôdas as classes exibidas e êxito inegável de professores que souberam elaborar esquemas vistosos e originais aperfeiçoando os alunos na sua execução.

A conferência do professor tenente Celestino Marques Pereira, versando o problema importantíssimo da Gimnástica Escolar e Infantil, foi verdadeira lição, exposta com a clareza mais própria ao seu aproveitamento e por certo aproveitou aquantos a escutaram e desempenham pelas suas funções papel activo no meio pedagógico da educação física infantil.

O conferente, propagandista incansável das teorias que tão competentemente aplica na prática, está desenvolvendo acção esforçada e marcante no progresso da modernização evolutiva da gimnástica no nosso País, e o exemplo merece ser apontado porque entre nós é uso cada qual guardar ciosamente para si aquilo que sabe.

O festival organizado em Alenquer por iniciativa de "Os Sports» e do Sporting local, além das consideráveis vantagens de divulgação da cultura física, teve ainda o merecimento de mostrar quanto podem conseguir nesse ramo de actividade a persistência e a energia confiante de quem dirige e orienta uma agremiação essencialmente desportiva.

O Sporting Clube de Portugal, apresentando algumas das suas classes de gimnástica educativa, os trabalhos dos seus gimnastas olímpicos e demonstrações de jogos educativos de sala, preencheu todo o programa do sarau, interessando vivamente uma assistência numerosíssima e provando, como voltou a fazê-lo uma semana depois nos salões da sua sede, que é bem digno de adir à sua designação de clude desportivo aquela bem mais honrosa de instituto de educação física.

Se aliarmos a estas manifestações puramente gimnásticas a quási indispensável inclusão de exibições do mesmo carácter nas festas desportivas que vêm sendo organizadas, encontramos bastos motivos para rejubilar com o desenvolvimento da prática dos exercícios físicos educativos dentro dos grémios desportivos e com os progressos do seu apreço no espírito público.

★

Terminou a primeira fase da temporada oficial de ciclismo, reservada ao apuramento dos campeões distritais.

Em Lisboa, única região do país onde encontramos homens de classe digna de categoria nacional, a classificação conjunta das três provas contando para o campeonato atribuiu o título a um novo, Simões Alvito, que já em épocas anteriores chamava a atenção dos críticos e êste ano provou regularidade que justifica a conquista do glorioso trofeu.

Pelo exame das pontuações relativas dos concorrentes depreende-se que a renovação se acentua nas fileiras da vanguarda do ciclismo português; Trindade, o melhor defensor das tradições dos veteranos, ocupa o 10.º lugar na escala e nos segundo, quarto, oitavo e nono postos figuram corredores que só teem um ano de actividade na categoria dos independentes.

Esperemos o que nos reserva a segunda e mais importante parte da época, para julgar em definitivo o valor dos componentes da nova geração.

SALAZAR CARREIRA

O grupo do Futebol Clube do Pôrto, vencedor êste ano do campeonato nacional de futebol

Durante a corrida de 160 quilómetros, que Eduardo Lopes veiu a ganhar, o pelotão que até final se manteve compacto, estende-se pela estrada parecendo pouco apressado

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 38

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick, língua; Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; Moreno; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic de Mitologia de Chompré; Bifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 29

(Totalidade de pontos – 2)

QUADRO DE HONRA

Eusapesca, Morenita, M. A. P. M., Palmira Ferreira, Aço, Alguém, Alvarinho, Báscaro, Copofónico, D. Pericles, Erbelo, Meio-Kilo, Mora-Rei, Papa-Almudes, X 8, X-9, Nuninho, Siulno, Marcolim, Castela e Dado.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, Ramou Lácrimas, Sol de Inverno, Agasio, Sevla, Francisco José Courelas, Anjo das Serras, Cigano, Mirna, J. Tavares, Visconde X, Tarata, Dama Negra e Calaveras — 1.

DECIFRAÇÕES

1 — Alarifes. 2 — Aqui está a chave do fogo.

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRADORES

Eusapesca, Morenita, M. A. P. M., Palmira Ferreira, Aço, Alguém, Alvarinho, Báscaro, Copofónico, D. Pericles, Erbelo, Meio-Kilo, Mora-Rei, Papa-Almudes, X-8, X-9, Paciente, Siulno, Nuninho, Um Misterioso, R. Miks, Ti-Beado, Oacica, Marcolim, Castela, Dado, Mirna, Agasio, Calaveras, Dama Negra, Sevla e F. J. Courelas.

DECIFRAÇÕES

HORIZONTAIS: I — Imo. II — Amor; raio. III — Era; avé. IV — Ana; ola. V — Ar; ma VI — Ali; soa. VII — Ode; dor. VIII — Atai; alta. IX — Ser.

VERTICAIS: 1 — Ara. 2 — Amen; lote. 3 — Ora; ida. 4 — Ira; eis. 5 — Um; eu. 6 — Ora; dar. 7 — Avo; sol. 8 — Fiel; orto. 9 — Ama.

PRÉMIO

De harmonia com o regulamento àcerca dos problemas de palavras cruzadas, será sorteado, entre os 32 decifradores supra-indicados, uma obra literária no valor de 10$00. O sorteio será regulado pela extracção da S. C. M. L. de 20 do corrente, observando-se a ordem por que estão mencionados os respectivos concorrentes.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) O homem para ser douto cidadão,
Se quer' viver com certa perícia,
Tem que fugir à negra tentação
De tudo quanto seja a vil *malícia*. – 1-4-3-2-5

A malícia é virus contagioso
Que nos envenena a alma, o coração;
A malícia é, pois, foco perigoso
Que nos vem *ferir*, sem dó nem paixão. – 7-5-1-8-3

A malícia *discorre* em todo o mundo – 5-7-2-6-8
E é como um poço, sem jámais ter fundo...
E nunca finda, nunca morre... é eterna.

Mas onde a malícia causa mais dano,
Sem a mais pequena sombra de engano,
Sim!... E' nas alfurjas duma *taberna*.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

2) Sou teimoso como tudo,
Tomo *impulso*, dou arrancos, — 2
Quero ser poeta à fôrça
E os versos saiem-me mancos.

Se com «*notas*» se comprasse — 1
Um pouco de inspiração.
Eu talvez m'habilitasse
A fazer um figurão.

Então sim!... Para saber
Versejar em *condições*
Gastaria uma fortuna...
Mas seria outro Camões.

Algés *Marcolim*

Agradecimento e resposta «destrambelhada» e «maçuda» ao espirituoso confrade «Infante»

«.....não vai
«Nisso o filho do meu pai.»
Infante – (Desporto n.º 35)

3) Confrade! Eu sei a *razão* — 1
Porque escolhe namorada
Que habite num rez-do-chão.
Infante leva-a fisgada...
Baixinho evita extorção
Na gorja, e na setinea escada
Qual a usava Dom João.
O «gargarejo» é maçada...

Tem bom emprêgo ou tem «massa»?
Se a moça é esperta e «moderna»
Dá-lhe a mãozinha por graça...
Firma-se o «Infante», alça a perna...
Um saltinho e ei-lo na «praça»...
Vai furtando alguns beijinhos...
Susto... fingido, gritinhos...
Corre a mãi, sábia carcaça...

E é o *inferno!* E é um clamor — 2
Que atrai os manos e o pai...
E o incauto conquistador
Por onde entra já não sai.
Escapar-se o sedutor?!
Põe-lhe embargos a donzela.
Não se brinca com o Amor...
Diz que não cai na «esparrela»?!
O *Infante* «cai» sim senhor.

Lisboa *Sileno*

18 GEROGLIFO SIMPES
(Enigma figurado)

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

4) Sonho de amor é estase... é ternura
Que dulcifica a alma e a faz viver!
Sonho de amor! Senti-lo é tal ventura
Que nos fere a lembrança de o perder.

Sonho de amor! Quando êlê *em* nós
perdura — 1
Sentimos bem o nosso peito arder!
Olhamos a mulher com mais loucura
E a vida tem, p'ra nós, maior prazer.

Sonho de amor! Jardim de rosas lindas...
De gratas ilusões... doces... infindas,
Onde se esconde a nossa fantasia!...

A mocidade, ardente, te quere e ama
E com voz *perceptível* te proclama — 2
O facho luminoso que a *alumia*...

Lisboa *Marvedo Azeio*

(A' Ex.ma Sr.ª D. Hilda Amor Perry Vidal)

5) Um sonho de amor! Na vida quem não sente?
Embalado nel' venho arrastando a minha...
Um dia surgiu-me a esp'rança docemente
E senti pulsar, qual viva criancinha

Que salta brincando e canta de contente,
O meu coração que via uma santinha
Já p'ra o seu altar; mas dolorosamente
Se quebrou o encanto e, assim como a avezinha

Que o primeiro vôo tenta, essa *felicidade* — 1
Foi breve, mas sente inda tal coração
Uma doce esp'rança que o anima e lhe diz:

Confia no sonho que nessa saüdade
Revive a animar-te... suave *expressão* — 2
Que inda te fará voar e ser *feliz*.

Lisboa *Mário de Jesus Azevedo*

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS ENCADEADAS (Mefistofélicas)

6) Na *espécie de taipal*, a-pesar-da «*acção*» do tempo, lê-se a *ladainha* dos antigos frades. (3-2) 4

Lisboa *Nuninho*

7) Devido à *falta de vigor* dos soldados, o *exército* fêz um exercício muito *chocho*. (2-2) 3

Lisboa *Dado (T. E.)*

8) A *ronda condena* todos os que à má *roda* se associam. (2-2) 3

Lisboa *Castela (T. E.)*

9) *Juntamente* a uma ficticia *pena* há, por vezes, o *ódio dissimulado*. (2-2) 3

Lisboa *Siulno (T. E.)*

10) Aquele que *dissipa* o seu dinheiro com o fim de comprar um *pote para água*, pode ser um *homem alto*. (2-2) 3

Luanda *Ti-Beado*

CHARADAS ADITIVAS (Novíssimas)

11) Não foi no *nono* dia, depois de chegares, que fui contigo ouvir o *conto* macabro? 2-1

Luanda *Dr. Sicascar*

12) Por causa da *gota*, um velho com *cinturão*, não passa de um *pelintra*. 2-2

Luanda *Um Misterioso*

13) *Preiudica a saúde* de qualquer, comer com *sofreguidão* essa *espécie de mandioca*. 2-2

Algés *Marcolim*

CHARADAS SINCOPADAS

14) Para que um homem seja *antevisto* é preciso que não tenha o raciocínio *atado*. 3-2

Lisboa *Néné (G. C. A.)*

15) Todo o homem *brigão*, nunca oferece motivo de *alegria*. 3-2

Luanda *D'Artagnan J.or (L. A. C. e T. E.)*

16) Mas quem apanha *semelhante bebedeira*?

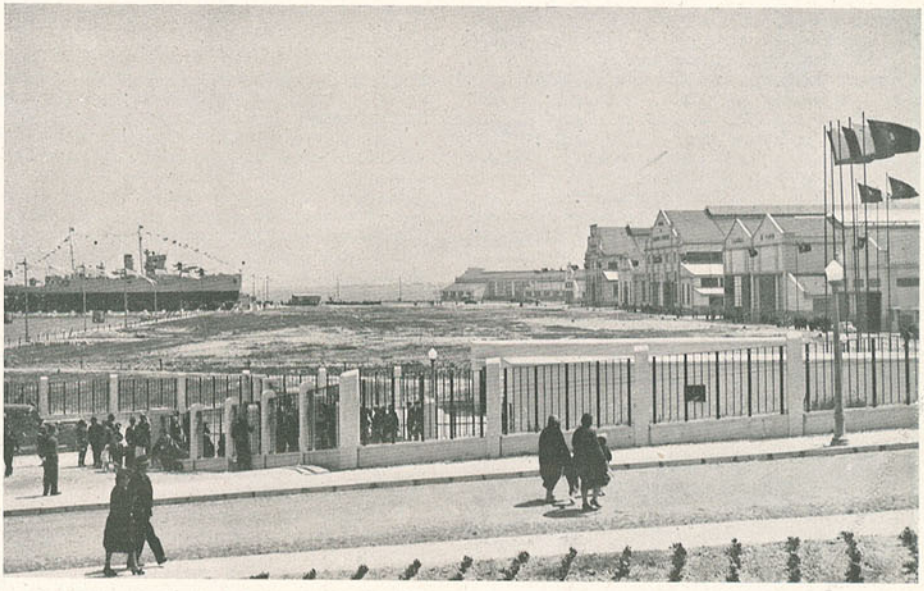
Luanda *Um Misterioso.*

17) Quem arma em *bobo*, perde a *graça* tôda. 3-2

Algés *Marcolim*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

O NOVO ARSENAL DO ALFEITE



A entrada do novo Arsenal do Alfeite solenemente inaugurado, há dias, pelos srs. Presidentes da República e do Conselho, na presença de quási todo o Govêrno e de mais de 6 mil pessoas. A cerimónia revestiu-se de um brilho invulgar, tendo assistido a ela os altos representantes da Nação e das armadas estrangeiras. – *À direita:* O Chefe do Estado chegando ao Arsenal, recebido pelo sr. Presidente do Conselho

A Brigada Naval da "Legião Portuguesa" teve também uma luzida representação na cerimónia de inauguração do Arsenal do Alfeite
A gravura acima mostra o Chefe do Estado e o sr. Presidente do Conselho passando revista aos legionários do mar

PÁGINAS FEMININAS

QUEM educa crianças e as prepara para a vida, para que sejam cidadãos úteis à pátria, mulheres que sejam exemplos de mães de família, sem que na sua vocação e vida que escolherem sejam uns modêlos, têm de ter sempre em vista o desenvolvimento da personalidade.

Haverá quem diga; personalidade tôdas nós temos, e, até certo ponto assim é. Todos nascemos com personalidade, todos temos tendências, gostos e inclinações próprias, mas uns nascem com uma bem marcada personalidade, uma vontade própria que chega muitas vezes ao autoritarismo, e outros sem vontade e prontos a ser submetidos à vontade da primeira pessoa que se lhes aproxime e se saiba impôr.

Qualquer dêstes excessos é perigoso e é absolutamente necessário que quem educa, tenha uma viva observação e perspicácia para reconhecer na criança a tendência para um ou outro dêstes feitos, que tanto influem no carácter.

Esta observação, êste estudo, não pode nem deve ser feito por mercenários, mas sim pelos pais e muito especialmente pela mãi, que não deve entregar a ninguém a formação da alma da criança.

Os cuidados físicos são indispensáveis, mas se atentarmos bem no destino humano, a alma deve merecer cuidados mais esmerados, se não iguais, aos que o corpo exige.

Nas mãos da mãi se modela como uma estátua o carácter da criança. A mãi que estuda as inclinações dos seus filhos e que as desenvolve quando bôas, e, as combate quando elas necessitam ser modificadas, é a mãi que cumpre com o seu dever e que atinge a perfeição na sublime missão, que Deus lhe confiou, a missão sagrada que enobrece a mulher, a maternidade.

Ser mãi não é apenas deitar filhos ao mundo e entregá-los a criadas, ou mesmo estragá-los com mimo e chorar lágrimas à primeira indisposição de saúde que a criança tem.

Ser mãi é criar, educar e aperfeiçoar o pequenino ente que a Providência lhe entregou.

Quantas mães não deixam as crianças fazer tudo o que querem com o pretêsto que são pequeninos e não se devem torturar. E' êste um dos maiores erros de educação, que se podem fazer. E' desde os primeiros meses que a mãi deve estudar o carácter da criança, e, é desde logo, que a deve modificar, com ternura e amor, não é preciso severidade para o fazer, mas com firmeza e seguindo sempre um caminho traçado.

E se assim se fizer a criança vai modificando o seu modo de ser, sem doloroso esfôrço, e, sem sofrimento moral, que começando a ser educada tarde, hade fatalmente sentir e a maior parte das vezes sem nenhum resultado já, resultado que teria sido tão fácil obter começando logo a educação do bébé.

Como já disse há pessoas que nascem logo com uma vontade imperiosa; a vontade firme é uma qualidade, quando bem aplicada, mas é preciso habituar a criança que assim se manifesta a respeitar a vontade dos pais e dos que a rodeiam para que essa qualidade se não desvirtue e se torne em tirania e autoritarismo insuportável.

E' das transigências em pequeninos que se fazem as criaturas caprichosas, que são o tormento no seio da família, e uma calamidade social.

A falha de vontade é também um defeito quando excessiva e apesar de haver quem pense, que na mulher, ela é uma qualidade, eu acho, que na mulher como no homem é um grande defeito.

Se a mulher se deve inclinar à vontade do marido, d've fazê-lo não por não ter vontade própria, mas sim por dever, quando reconhece que a sua vontade é mais razoável.

A mulher precisa ter a sua vontade para equilibrar muitas vezes na vida os erros do marido, vontade que não deve impôr pela autoridade mas sim pelo convencimento que ela é que está na razão, o que tanta vez sucede nos lares, onde ha estima e respeito mútuos.

A personalidade é indispensável na criatura humana, é pois necessário que as mãis, a desenvolvam em seus filhos ajudando-os a adquiri la, tentando modificar os defeitos, exaltando as qualidades, acalmando os impetuosos, excitando os apáticos, e, fazendo com que debaixo do seu carinhoso olhar, êles se aperfeiçoem e melhorem as qualidades que Deus lhes deu.

E' esta uma missão que exige cuidados de tôda a hora e de todo o momento, e a mulher que a ela se dedique com tôda a consciência e com a completa noção dos seus deveres, tem a sua vida preenchida, uma vida de sacrifício e de trabalho talvez, mas uma vida que terá as mais perfeitas alegrias e as maiores compensações ao reconhecer em seus filhos, uma personalidade forte e perfeita.

Personalidade que as tornará úteis à família à sociedade e que será a obra do seu amor e dedicação, obra que as torna duplamente mães.

MARIA DE EÇA

A MODA

ESTE ano a moda foi buscar à primavera a inspiração, para as côres que havemos de usar. Os chapeus cobertos das mais lindas flores, são também um hino à primavera, e tornam aprazíveis as reuniões de senhoras, que dão a impressão de canteiros de jardim.

Para as manhãs frescas ainda, usam-se muito os quadradinhos e também os casacos três quartos em largos xadrez.

Vêem-se muito os casacos em quadrados verdes e brancos, com saia em seda verde; dão estas ligeiras «toilettes» um efeito encantador.

Também nos tons murchos de rosa se fazem com o maior êxito estas combinações.

Para a tarde usam-se muito nos dias frescos, vestidos em lã com casacos três quartos nos tons vivos e purpúreos das fuchoias; que são dum lindo efeito.

Vêem-se também muito os vestidos em «crêpe de chine» em pintas, desenhos, riscos ou floridos, que se usam com um casaco em lã, que deixa ver na frente, o vestido. Algumas casas forram o casaco da mesma seda do vestido, mas a maioria dos casacos, usam-se sem forro.

Uma «toilette» que causou sensação numa reunião elegante, foi um vestido em seda azul pálido com desenhos em vermelho e sobre o vestido um casaco em pano vermelho e o chapeu guarnecido a «bluets» e pa oilas.

Este ano quem tiver fantasia e gosto, consegue as mais encantadoras combinações, porque a moda a isso se presta.

Para de manhã, temos um modelo interessante, um vestido em «jersey» de lã dum tom rosado, muito simples, casaco em xadrez de vários tons que vão do rosa ao vermelho. Uma «écharpe» em seda rosa ao pescoço.

Este gracioso conjunto é usado pela elegantíssima artista do cinema, Margaret Vyner, nas manhãs em que passeia os seus cães, em Ityde Park. A linda artista é australiana.

Outra graciosa «toilette» que pode também ser usada à tarde. Vestido em lã dum azul muito forte. Corpo justo com as mangas franzidas e chegando só abaixo do cotovelo. A saia rodada deixa ver dois dedos da saia de baixo em finas rendinhas franzidas. O vestido é abotoado com botões azul claro, sendo da mesma côr as fitas que formam a gola e punhos que rematam com graciosos lacinhos.

Chapeu em palha azul clara, debruado a fita azul escura.

Vestido de saia e casaco em lã fina azul escura, guarnecido com «piquet» branco formando biquinhos, a saia tem um corpete que faz o peitilho, as mangas são apenas até ao cotovelo.

A saia de baixo deve ser em «taffetas» forte azul escuro, para manter afastada o roda da saia.

Chapeu em palha azul escura guarnecido com uma fita da mesma côr, sapatos azuis escuros e luvas brancas. Este engraçado conjunto leva-nos a evocar os figurinos de há uns bons quarenta anos.

Para a tarde temos um lindo vestido em «crêpe marocain» vermelho escuro, tom de fuchoia. Neste vestido melhor do que em qualquer outro se vê a silhueta da moda com a cintura bem delgada e acentuada. E' um vestido «princesse» de elegantíssimo corte, a sua única guarnição é uma gola em «Georgette» creme bordada a dois tons de «fuchoia» e uma leve rendinha rematando as mangas.

E' duma sóbria elegância êste vestido. Para a noite duas elegantíssimas «toilettes» do mais moderno estilo. Uma delas em setim creme, saia ampla e formando um ligeiro «tournure» na maneira como é apanhada a roda da saia. A frente do vestido tem uma grande «ruche» de tule que forma as ombreiras e vem esconder atraz no corpete que em todas as costuras que o ajustam ao corpo tem um ligeiro franzido.

E' uma «toilette» lindissima.

O outro é um vestido em seda preta Chantilly finíssima, sobre um vestido em setim rosa pálido, tom de pérola.

Muitísssimo ampla, a saia tem cauda.

A frente do vestido é guarnecida com grande ramo de flores em veludo de todos os tons de rosa.

E' um vestido rico e do mais fino gosto.

E' para notar que o vestido creme é usado por uma morena e o de renda preta por uma loira.

SEGUROS ORIGINAIS

São inúmeras agora as companhias de seguros e há seguros contra incêndio, contra desastres, seguros para viajantes e companhias há que também seguram contra o roubo, que cada vez mais alastra na sociedade moderna.

Mas o que é interessante é conhecer os seguros que fazem os artistas.

Paderwski segurou as suas mãos, pagando oitocentas libras por ano para receber um prémio de seguro de doze mil e quinhentas libras. Tinha além disso vigilantes, para os olhos e para os dedos. Não poude uma vez tocar num concerto porque lhe tinha caído uma unha, e a companhia pagou-lhe uma indemnização de mil libras.

Cada dedo dos pés de Ana Pacolova, custaria à companhia de seguros em caso de acidente, seis mil libras.

Kuhelik o grande violinista, tinha a mão direita assegurada em caso de lesão, em duas mil libras e em dez mil em caso de perda completa.

Patti, a grande cantora segurou a sua voz em mil libras, por função.

Isualey tinha a vida segura em cinco mil libras.

O mais original foi um jovem actor americano que se segurou contra o matrimónio, o peor inimigo dos artistas segundo êle. Em casando receberia dez mil dolares.

A LEITURA E A MULHER

HOJE a mulher lê muito mais do que o fazia antigamente, apesar de ter uma vida muito mais agitada e de andar muito mais na rua do que outrora era uso. Aproveita muitas vezes as pequenas viagens em comboio, os longos percursos em eléctrico, para ler, e, quem se interessa pelo desenvolvimento intelectual feminino e lança as suas vistas sôbre o que vão lendo, as companheiras de viagem ou de eléctrico chega à conclusão que a mulher lê, mas lê mal.

Em geral a leitura é um romance policial de muito mau gosto ou uma péssima tradução que só pode fazer com que a nossa língua seja mais assassinada do que já o é, em geral.

Porque quem não lê outras coisas acaba fatalmente, por escrever como lê e nessas condições escreverá um péssimo português.

E' muito para aprovar êste desejo de leitura, que significa um anscio de conhecimentos, e que é ao mesmo tempo uma distracção às preocupações da vica actual, tão fértil nelas.

Porque quem não as tem hoje, na sua vida particular, apresenta-se com a situação internacional tão abundante nelas e, em surprezas.

Mas o que seria muito útil era que a leitura se fizesse numa boa escolha que juntasse conhecimentos aos que já se possuem, que elevasse o espírito para altas regiões, e, quando fôsse uma leitura de distracção, se escolhessem os nossos bons autores que escrevem um português bom e correcto, que aumentassem assim entre as senhoras, os conhecimentos dum português puro e perfeito.

Na leitura de livros estrangeiros, escolher também aqueles que muito podem aumentar a sua instrução, num conhecimento de costumes e usos de maior interêsse.

E' pois necessário que as senhoras continuem a ler, mas que leiam bons livros e quando se trata de meninas novas, deve haver o maior cuidado na escolha dêsses livros, escolha que incumbe às mãis fazer, com o maior cuidado, pois duma má leitura, podem vir sérios e perigosos males.

HIGIENE E BELEZA

NESTA época do ano a pele delicada do rosto feminino, ressente-se sempre um pouco e senhoras há, que vêem com profundo desgôsto aparecer-lhes nas faces êsse terrível flagelo que são os pontos negros ou cravos, como algumas pessoas lhes chamam.

Em geral há uma coincidência com mau funcionamento dos intestinos, que é preciso tratar com o maior cuidado.

E' necessário ter uma certa dieta, evitar os peixes reimosos, o excesso de carne de vaca e tornar os vegetais e frutas, a base da alimentação.

Há organismos fracos, que se não dão com êste regime e devem comer carne mas preferir a vitela e a galinha.

Na cara pode aplicar-se a seguinte loção:

Agua fervida, 200 gramas; alcool canforado, 2,5 gramas; enxofre precipitado e lavado, 25 gramas. Esta aplicação faz-se de manhã e à noite.

Não se devem usar cremes gordos, é óptima a seguinte pomada:

Glicerolado de amido, 20 gramas; cloreto de calcio, 10 gramas; água oxigenada a 20 volumes, 20 gramas. Em seguida pôr o pó, que deve ser muito bom e depois fazer a «maquilhage» que não deve ser exagerada para não chamar a atenção para a pele.

RECEITAS DE COZINHA

Plum cake: 250 gramas de manteiga, 250 gramas de açúcar em pó, quatro ovos inteiros, 150 gramas de farinha, 1 colher de sopa, de rum ou de boa aguardente, raspa de limão, passas de Malaga e de Corinto, ameixas e outras frutas cristalinas cortadas em pequenos bocados.

Derrete-se a manteiga, junta-se-lhe o açúcar, os ovos bem batidos e mistura-se tudo.

Deita-se então, pouco a pouco a farinha e trabalha-se a massa até que esteja bem lisa. Em seguida deita-se o rum, as passas e as frutas e uma colher das de chá de bicarbonato de sódio. Vai ao forno bem quente durante uma hora, numa fôrma quadrada que se forra de papel untado com manteiga.

Pudim de banana: 4 bananas cortadas às rodas em pequenos bocados, 2 ovos inteiros, 150 gramas de açúcar em pó, sumo de limão e um pouco de raspa, meio litro de leite, canela ao gôsto e 60 gramas de manteiga lavada e batida. Bater muito bem até que as bananas fiquem desfeitas tendo juntado logo tudo.

Deita se a massa muito bem batida e homogénea, numa forma untada de manteiga e com um pouco de açucar queimado e põe-se a cozer em banho Maria durante meia hora.

DE MULHER PARA MULHER

Inquieta: O melhor conselho que lhe posso dar é que eduque a sua imaginação, senão terá grandes desilusões na sua vida. Creia que a maioria dos mal entendidos provêm do excesso de fantasia. Quando um rapaz se aproxima duma menina atraído pela simpatia, não quer isso dizer que vá decidido a casar imediatamente. E' possível que acabe por pensar no casamento, mas nunca a menina deve, fazer grandes facilidades. Acautele-se e será mais bem sucedida.

Alegre expansiva: Conserve essa boa disposição, que é na vida um grande auxílio. Acho óptima a sua ideia; numa casa onde há muitos filhas, tôdas devem trabalhar e ajudar, a sua irmãzinha, visto ter essa disposição, deve fazer um curso de corte, que dá óptimo resultado. E a encantadora ideia dela de fazer os vestidos de tôdas é uma grande economia e auxílio para a família. Tem razão é nas grandes famílias, que se encoutra mais união.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — R. 7, 3, 2
Copas — A. R. 3
Ouros — D. 10
Paus — — — —

Espadas — D. V. 9, 8	**N**	Espadas — 10
Copas — D. V. 5	**O** **E**	Copas — 10, 9, 7, 4
Ouros — 9, 4		Ouros — V. 8, 7
Paus — — — —	**S**	Paus — 9

Espadas — — — —
Copas — 8, 6, 2
Ouros — 6, 5
Paus — D. 5, 4, 2

Trunfo é paus **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 5 *e.*, **N** — D. *e.* ou R. *e.* conforme a carta de **O**.
N joga 5 *o.*, **S** — A. *o.* e D. *o.*
S » 6 *e.*, **N** — A. *e.*
N » 10 *p.*, **E** — R. *p.*, **S** — 7 *e.*
Qualquer carta jogada por **E** é cortada e recortada por **S** e **N**, cumprindo estes o contrato.

Um peixe excêntrico

(Solução)

Cabeça do peixe — 5 cm.
Cauda — 7,5 cm.
Comprimento total — 25 cm.

O cão feito carteiro

Há já uns poucos de anos que êste cão desempenha o seu serviço com admirável pontualidade. Vai tôdas as manhãs, buscar a correspondência á estação Swains, no Estado de Nova York, e leva-a para a estação de correio da aldeia do mesmo nome. Nunca o fiel animal perdeu uma única carta no caminho nem consentiu que alguém se aproximasse do saco que levava.

Pertence ao soberano de Baroda (Índia Britânica) o único canhão de oiro que existe. Esta peça de artilharia é tôda de oiro, finamente cinzelado. O dito soberano tem no seu arsenal, ainda outras de prata e de prata dourada. Possue além disso, uma grande colecção de espingardas e de revólveres em metais preciosos com incrustações de pérolas finas.

Inútil será dizer, porém, que o referido canhão oferecia de certo pouca resistência à artilharia moderna e que é muito mais próprio para ornamentar um Músen do que para defender uma cidade atacada.

Onde, no mundo, chove mais ou chove menos

Em Payta, cidade do Perú, só chove deveras de seis em seis ou sete em sete anos e isso mesmo, apenas um dia ou dois.

Em compensação, na cidade de Cusco, também no Perú, chove torrencialmente todos os dias.

A idade dos noivos

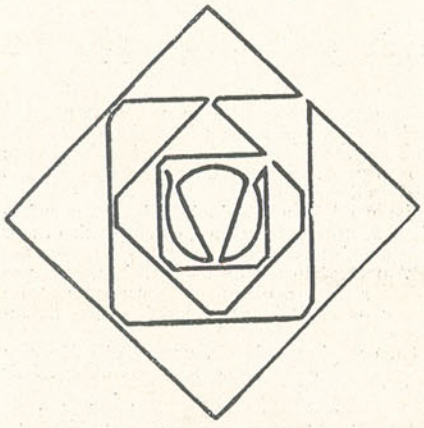
(Problema)

Dois noivos têm, entre si 50 anos; êle tem mais quatro anos que ela.

Vejam se descobrem, ràpidamente, qual a a idade de cada um dos noivos.

Traço contínuo

(Solução)



Eis uma solução. Os cantos estão cortados para maior clareza.

A população total que a terra poderia conter e sustentar avalia-se em 6.000.000.000 de habitantes. Ao ritmo actual da repopulação, essa totalidade deveria ser atingida no ano 2100.

Em Berlim, existe uma escola, originalíssima, para papagaios aprenderem a falar, com auxílio do gramofone e da radiotelefonia.

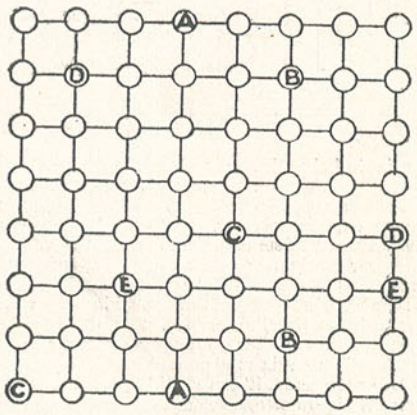
A roseira mais antiga que actualmente existe

A roseira tem um crescimento muito lento, mas em compensação, uma grande longevidade. Sem querer dar crédito ao que diz a lenda, que a origem das rosas vem do sangue de Adonis ou mesmo de Venus, pode-se, todavia, ir muito longe buscar a data do nascimento de certas roseiras.

Uma das mais antigas, se não fôr talvez a mais antiga de tôdas, é a da catedral de Hildesheim, que data do ano de 818, apróximadamente.

Ainda hoje existe e contínua dando flores regularmente. Pertence à espécie *rosa canina*, que è roseira brava.

Um problema de estrategia



Durante umas manobras militares, o general comandante em chefe, ordenou que cinco regimentos de um determinado corpo de exército, marchassem a tomar novas posições, todos ao mesmo tempo seguindo vias diferentes e fazendo os seus altos em povoações diferentes.

Assim, representando a figura junta, o mapa da região onde o deslocamento dessas unidades teve lugar, significando os pequenos círculos as povoações por onde passaram as tropas e sendo as linhas entre esses círculos, as vias de comunicação entre essas localidades, a ordem do comando exigia que o regimento que estacionava na povoação *A* da parte superior da figura, passasse para a povoação *A* da parte inferior; o regimento que havia bivacado em *B* também da parte superior seguiria para *B* da parte inferior; o regimento de *C* para a outra posição *C*, *D* para *D* inferior e assim sucessivamente.

De facto, as unidades indicadas deslocaram-se tôdas ao mesmo tempo e chegaram ás localidades respectivas sem sequer se terem avistado, tendo usado cada uma delas uma via de comunicação particular sem ter cruzado a de qualquer outra unidade nem feito alto em localidades onde já tivessem passado outros regimentos.

Queiram os leitores descobrir o caminho que cada unidade escolheu.

O único animal doméstico que se cria proveitosamente, nas regiões Arcticas é o rangifer, porque não precisa de forragem, nem para alimento nem para abrigo.

Existem ali mais de 125.000 000 deles e não é raro, na Sibéria Arctica, alguns criadores desses mamíferos, possuírem, só à sua parte, rebanhos de 10.000 cabeças.

Ela: — *Faz-me a vontade, querido, deixa-me ir para Biarritz, e eu prometo pensar em ti, todo o dia.*
Êle: — *Minha querida, preferia muito mais que ficasses aqui comigo e pensasses todo o dia em Biarritz.*

A primeira obra comemorativa
do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**
Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomaticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distracção, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o mêdo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Haig, Contani* e *Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Á VENDA

DESPORTOS EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTADO

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch..... **8$00**
Pelo correio à cobrança..... **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Indispensável a Juízes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **DR. LUÍS DE PINA**
Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatisticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Policia cientifica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, **30$00**; pelo correio à cobrança, **33$00**

■

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

O CONTO DE AMADIZ DE PORTUGAL

PARA OS RAPAZES PORTUGUESES

POR **Afonso Lopes Vieira**

1 vol. de 48 págs. formato 26 1/2 × 20, com desenhos e capa a côres de **Lino António**, br. **Esc. 7$00**
Pelo correio à cobrança, **Esc. 8$00**

★

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqüenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 1.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA